

Os miliconheiros: observações sobre o consumo de maconha entre militares no interior de um quartel do Exército Brasileiro¹

Eduardo Kaynan Quintaes Souza²

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso observa o consumo de maconha entre militares dentro de um quartel do Exército Brasileiro, focando na categoria dos "Miliconheiros". Utilizando a observação participante e entrevistas com ex-militares, o estudo busca compreender as dinâmicas sociais, as motivações para o consumo e as percepções dos militares sobre o uso da substância. A pesquisa explora como os "Miliconheiros" aprendem e praticam o consumo de maconha, bem como as técnicas e locais utilizados. O trabalho contribui para o debate sobre o uso de drogas em ambientes militares, trazendo insights sobre um tema sensível e pouco discutido.

Palavras-chave: Militares; maconha; consumo de drogas; Exército Brasileiro; Miliconheiros.

Abstract

This Undergraduate Thesis investigates marijuana use among military personnel within a Brazilian Army barracks, focusing on the category known as "Miliconheiros". Using participant observation and interviews with former soldiers, the study aims to understand the social dynamics, motivations for consumption, and perceptions of military personnel regarding drug use. The research explores how "Miliconheiros" learn and practice marijuana use, as well as the techniques and locations employed. The work contributes to the debate on drug use in military environments, providing insights into a sensitive and rarely discussed topic.

Keywords: Military; marijuana; drug use; Brazilian Army; Miliconheiros.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (IAC) da Universidade Federal Fluminense de Niterói (UFF) como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Segurança Pública e Social defendida no ano de 2025. Trabalho orientado pela Prof.^a. Dra. Danieli Machado Bezerra. Compuseram a banca na qual o trabalho foi aprovado os professores Gladson Paulo Milhomens Fonseca e Marcos Verissimo.

² Bacharel em Segurança Pública e Social pela Universidade Federal Fluminense.

Introdução

O consumo de maconha entre militares do Exército Brasileiro é um tema sensível e pouco explorado. Este Trabalho de Conclusão de Curso visa observar as dinâmicas sociais que envolvem os chamados Miliconheiros, categoria de militares que consomem maconha dentro de um quartel. As motivações para a escolha desse tema são oriundas da experiência pessoal do autor, que, durante oito anos (2016-2024) de serviço militar, observou a existência desse fenômeno, o que despertou questionamentos sobre como e por que isso acontece, mesmo diante de acordos informais, como valores e éticas militares, além das sanções previstas pelo Código Penal Militar.

O problema de pesquisa que norteia este trabalho é: como o consumo de maconha ocorre entre os militares do Exército Brasileiro dentro de um quartel e quais são as percepções dos próprios militares em relação a essa prática? A partir dessa questão central, busca-se entender os fatores que levam à formação da categoria dos Miliconheiros, a iniciação do novos Miliconheiros, as técnicas utilizadas para o consumo, a administração dos conflitos relacionados a maconha e as diferentes percepções, tanto dos consumidores, quanto dos não consumidores dentro do ambiente militar.

Como é a trajetória do Miliconheiro? Como surge a categoria? Quem são os Miliconheiros? Como torna-se um Miliconheiro? Como são os primeiros passos? aprendendo as técnicas e locais ideais para o consumo, quais as percepções dos Miliconheiros e de terceiros envolvidos na trama? São questões que surgem antes e durante a pesquisa e busco, não as responder, mas apresentá-las nessa monografia.

Para a realização desta pesquisa, foi adotada a observação participante como método principal, alinhada à abordagem etnográfica. Este método permitiu ao autor inserir-se no ambiente estudado e participar das atividades cotidianas dos militares, possibilitando uma compreensão profunda das dinâmicas internas. Além disso, foram realizadas entrevistas com cinco ex-militares, todos consumidores de maconha, que contribuíram com suas experiências e percepções sobre o consumo da substância dentro do quartel. As entrevistas forneceram dados qualitativos que enriqueceram a análise e permitiram um entendimento mais amplo do fenômeno.

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos, sendo eles:

Capítulo I: O Teatro de Observação - Neste capítulo, apresenta-se o contexto da pesquisa etnográfica, detalhando o bairro de Jurujuba, em Niterói, onde localiza-se o quartel onde foi feita a pesquisa. Descrevem-se as instalações do quartel, seus alojamentos e os locais comumente utilizados pelos Miliconheiros para o consumo de maconha.

Capítulo II: Tornando-se um Militar do Exército Brasileiro - Este capítulo explora as diferentes formas de ingresso no Exército Brasileiro, com ênfase no Serviço Militar Obrigatório (SMO). Discute-se o processo de formação dos militares e as instruções recebidas durante o treinamento, destacando como esses fatores influenciam a formação de identidade dos militares e a prática de consumo de maconha.

Capítulo III: Como Acessar o “Miliconheiro” - Aqui, o autor detalha o percurso metodológico utilizado para acessar e compreender o fenômeno dos Miliconheiros. Descreve as experiências observadas no quartel, as interações com os militares consumidores de maconha e as dificuldades enfrentadas ao longo da pesquisa.

Capítulo IV: O “Miliconheiro” e Sua Trajetória - Neste capítulo, o foco é a trajetória dos Miliconheiros, desde o primeiro contato com a maconha até a consolidação da prática de consumo dentro do quartel. Discute-se como esses militares aprendem as técnicas de consumo, as percepções dos próprios consumidores e as reações dos não consumidores.

Assim, o autor espera que esse trabalho possa contribuir para o debate sobre o consumo de maconha em ambientes militares, trazendo à tona uma discussão ainda pouco abordada na literatura acadêmica e na sociedade em geral.

1. O teatro³ de observação: detalhes do espaço da pesquisa etnográfica.

Neste capítulo apresentamos o Bairro onde se localiza o quartel estudado e brevemente apontamos as suas características estruturais. De antemão, afirmamos que

³ Em contextos militares, a expressão "teatro de operações" ou "teatro de guerra" se refere a uma área geográfica onde ocorrem ou estão em andamento eventos militares significativos. Esse conceito abrange o espaço aéreo, terrestre e marítimo que pode estar envolvido em operações de guerra. A expressão é amplamente utilizada em formaturas e é uma categoria bem conhecida entre os militares, pois ajuda a definir e coordenar as operações dentro de uma região específica de conflito. Usamos esta categoria neste trabalho com o intuito de fazer uma analogia entre o trabalho de campo e o teatro de operações.

reconhecemos a sensibilidade do tema abordado e seus possíveis desdobramentos, porém não temos a intenção de difamar a instituição através deste trabalho.

Sendo assim, não será realizada menção direta ao quartel no qual ocorreram as observações. Relembramos que por não se tratar de uma graduação de história, não há pretensão de realizar um estudo profundamente historiográfico sobre a instituição Exército Brasileiro.

Os dados apresentados neste capítulo são informações públicas ou referências de trabalhos acadêmicos já publicados. As informações que partem das observações do autor são cautelosas e visam manter a segurança do quartel. Em relação ao anonimato do quartel, é ínfima qualquer tentativa, pois qualquer pessoa com acesso à internet e em posse do nome completo do autor consegue ingressar no site do portal da transparência do Governo Federal⁴ e pesquisar em qual quartel foi sua atuação.

O que justifica a dedicação de tempo ao abordar o ambiente que engloba o Miliconheiro é o trabalho de Malinowski (1978)⁵, em que o autor busca compreender o sistema de economia e de trocas das ilhas Tobriand. Porém, o autor faz constantes referências a rituais mágicos, à organização social e ao local que realiza seu trabalho, entre outras informações que são inseridas ao longo de seu texto. De igual forma, antes de realizar abordagens acerca dos Miliconheiros, descrever sobre as características do local que acolhe o objeto enriquece o trabalho.

Figura 1 - Instrução durante o Curso de Formação de Cabos.



Fonte: Imagem do autor, 2019.

⁴ <https://portaldatransparencia.gov.br/servidores>

⁵ Argonautas do Pacífico Ocidental, publicado em 1922.

1.1. O bairro de Jurujuba, onde se localiza o Quartel estudado.

O Quartel estudado está localizado em Jurujuba, bairro do município de Niterói no estado do Rio de Janeiro. Este bairro é reconhecido por sua zona gastronômica e pelas festas de São Pedro. A principal fonte de renda da população local provém do setor primário, através da pesca.

A paisagem do bairro é caracterizada pela Baía de Guanabara, a Ponta do Cavalão, Morro do Pico, Morro da Viração, praias e várzeas com um fluxo movimentado de pescadores, incluindo as praias da Eva, de Adão e o Forte Rio Branco. [...] espaços sociais, resultantes das contínuas interações sociais, culturais, econômicas e políticas vivenciadas no cotidiano da sociedade" (Caxias & Vasconcelos, 2020, p. 355 *apud* Silva, 2023, p. 2).

Figura 2 - Bairro de Jurujuba visto de cima.



Fonte: imagem do autor, 2020.

O nome Jurujuba é de origem tupi, *aîuruîuba*, como relatado por Ritter (2007, p.26):

Nome indígena, Jurujuba ou Ajurujubas significa “papagaios amarelos” (Wehrs, 1984:202), “pescoço amarelo ou barba amarela” (Backheuser, 1994), pois era assim que os índios Tamoios chamavam os franceses, primeiros

invasores das águas da Baía de Guanabara, que eram louros e estavam sempre a falar.

Figura 3 - imagens de satélite dos limites territoriais do Bairro Jurujuba.



Fonte: captura de tela do Google Maps, 2024.

Figura 3 - foto da fazenda de mariscos.



Fonte: Denise Caxias, 2020.

O bairro possui localização estratégica, situado em uma península cercada pelas águas oceânicas e pela Baía de Guanabara. Considera-se uma área "isolada", uma vez que existe uma única via de acesso terrestre, a partir do bairro de Charitas. Conforme observa RITTER (2007, p.27) "Jurujuá localiza-se em uma península na entrada da Baía de Guanabara, cercado pelas águas do mar e pelas águas da Baía."

Figura 4 - Operários retiram terra que deslizou de morro em Jurujuá, ocasionando o total fechamento da única via de acesso terrestre.



Fonte: Pablo Jacob, Agência O Globo, acesso em 2024

Ainda, nota-se formação descontrolada de moradias nos morros do Peixe-Galo (mais próximo do quartel) e a do Preventório (mais distante).

Figura 5 - Morro do Preventório



Fonte: Jornal Enfoco, acesso em 2024.

A geografia, uma das características do local, delimita os espaços influenciando na organização social dos moradores. O bairro conta hoje com aproximadamente 5.000 habitantes distribuídos pelos morros e baixadas, os quais o dividem nas regiões do Peixe-Galo (antigamente, Morro do Freixegal), Samanguaiá (Sambagoiá, Sambaguaiá ou Sambagaiá), Salinas, Várzea (praia da Vargem), Cascarejo, Lazareto, Ponta da Ilha, Cangunga, Brasília, Jurujuba ou Ponto Final e Pau Ferro. Estes nomes estão relacionados à história do lugar, mas também às suas características. Estas áreas não são muito bem definidas para quem é de fora, mas apresentam características próprias em termos visuais e socioambientais. (RITTER, 2007, p.27)

Verifica-se a presença do tráfico varejista de drogas na região, sendo uma área dominada pelo Comando Vermelho. Não há relatos de conflitos entre o Exército e o tráfico de drogas, apesar de o Exército ter realizado algumas operações no local. Há relatos de tentativas de invasão ao quartel, porém não serão exploradas pelo autor.

Figura 6 - Operação do Exército no Morro do Preventório



Fonte: Jornal A TRIBUNA RJ, acesso em 2024.

1.2. “Minha segunda casa”: observações sobre os laranjeiras, os fumódromos e estrutura do quartel.

Neste momento, abordaremos aspectos físicos das instalações do quartel, personagens importantes para o contexto do trabalho, além de apontar locais utilizados para o fumo. Relembramos que algumas informações relacionadas ao espaço físico serão omitidas por questão de segurança.

1.2.1. O Laranjeira

O laranjeira é um personagem importante para o contexto deste trabalho. Em suma, o Laranjeira é uma categoria nativa bastante utilizada pelos militares para identificação daqueles que por algum motivo pessoal, moram no quartel. Nota-se que não há distinção de patente, e os motivos são diversos⁶. As principais características deste

⁶ No entanto, a situação mais comum é a tentativa de economizar dinheiro. Alguns militares adotam essa postura devido à distância de suas residências, enquanto outros o fazem porque enfrentam dificuldades financeiras ao final do mês. Para evitar faltar ao expediente, muitos acabam optando por se tornar "laranjeiras". Além disso, há casos de militares que, devido a um convívio familiar complicado, preferem morar no quartel.

personagem são: dormir no quartel ao menos quatro vezes por semana, realizar todas as refeições no quartel, utilizar a academia do quartel, utilizar a lavanderia frequentemente, entre outras.

Foi a partir da vivência do autor como laranjeira, durante período de 2017-2019, que se observa os miliconheiros com mais frequência.

1.2.2. Os Alojamentos

Os alojamentos são os locais onde os militares têm seu armário, um banheiro coletivo e a área de dormitório. Os alojamentos são divididos entre as patentes, logo, existem os alojamentos de recruta, os de Soldados antigos, os de Cabo, o alojamento de Sargento, os de oficiais subalternos e o alojamento de oficial superior. Além desses, que são voltados inteiramente para o segmento masculino, existem os alojamentos voltados para o segmento feminino, e nesse caso, oficiais e Sargentos dividem o mesmo local. Vale lembrar que até o momento desta escrita não existia no quartel estudado a presença de Cabos e Soldados do segmento feminino.

Existem dois alojamentos de recruta, um deles é uma estrutura mais antiga que remonta desde a época da construção do forte e, por óbvio, foram feitas reformas e mudanças ao longo do tempo. É uma construção de três andares, na qual o primeiro andar tem o *hall* de entrada, a área de armários e o banheiro, e no segundo andar tem o dormitório. Os armários são de concreto e porta de ferro, todos os chuveiros são de água gelada. O terceiro andar desse alojamento é um local que, por não ser funcional, é utilizado para guardar materiais antigos, e é por onde se acessa o telhado da instalação, local escolhido pelos Miliconheiros para o consumo da maconha. O outro alojamento de recrutas é mais moderno, uma construção inaugurada em 2018, mas que já apresenta diversas falhas estruturais. Ele possui um andar somente e a partir da entrada, do lado direito estão os dormitórios, no meio os armários de ferro desmontáveis, e a esquerda o grande banheiro com alguns chuveiros elétricos que a princípio não funcionam, e uma área de serviço com máquina de lavar, outro local escolhido por Miliconheiros para consumo de maconha. No segundo pavimento dessa instalação encontra-se o alojamento de Sargento, oficiais superiores e Cabos. É possível acessar o telhado desta estrutura

através de uma escada que passa em frente ao alojamento de Sargentos, no qual também se observou o consumo de maconha.

Durante a trajetória o autor notou locais caracterizados por serem “apropriados” para o fumo, comumente chamados de fumódromos. O mais conhecido é o que fica na beira da praia, porém, existem outros, como por exemplo, nas retaguardas dos alojamentos, e não ironicamente, na frente da seção de saúde, entre outros.

Há locais tradicionalmente voltados para o fumo da maconha, e através das observações, constatou-se que em alguns momentos os Miliconheiros optam por locais escondidos e em outros momentos elegem locais mais explícitos, como, por exemplo, esses naturalizados para o fumo do cigarro convencional. Estes locais serão desenvolvidos *a posteriori*.

2. Tornando-se um militar do Exército Brasileiro: Formas de ingresso, com ênfase no Serviço Militar Obrigatório (SMO)⁷

Este capítulo descreve três⁸ formas de ingresso no Exército Brasileiro, sendo elas: duas como militar de carreira e uma como militar temporário. O autor opta por mencionar brevemente as formas de ingresso para Sargento e Oficiais, e enfatiza o Serviço Militar Obrigatório (SMO).

Sines (2018) explica que a incorporação de novos militares se dá pela necessidade de preenchimento dos quadros de pessoal. Esses novos militares irão compor o efetivo, que é uma categoria usada no âmbito militar que se refere ao número de militares que compõem uma Força.

Deve ser obedecida uma política de composição dos efetivos das Forças, bem como devem ser observados os aspectos específicos para cada cargo existente.

Para preenchimento dos quadros de pessoal, cada FA possui peculiaridades em seus processos de seleção, mas, de modo geral, utilizam-se de diversos concursos para civis que desejam ingressar nas fileiras das Forças para

⁷ Sigla que representa Serviço Militar Obrigatório.

⁸ São as formas mais comuns de ingresso, além de serem as formas mais divulgadas e incentivadas entre os militares que prestam o serviço militar obrigatório. Para conhecer outras formas ver SINES (2018)

seguirem carreira, bem como concursos para cargos temporários que necessitam de pessoal especializado em determinadas funções. (SINES, 2018, p.14)

O detalhamento dessas questões é essencial, pois reflete a perspectiva única que cada militar possui sobre o mundo. Na dinâmica de poder estabelecida pelas hierarquias, compreender a origem, a identidade (raça, classe, gênero) e os alicerces de cada indivíduo revela muito sobre o tipo de militar que ele poderá se tornar e como lidará com a questão dos Miliconheiros. No entanto, essa não é a única variável em jogo. Há também aspectos mais sutis, porém igualmente importantes, que influenciam a postura de um militar, a condução de sua carreira e seu comportamento diante de situações envolvendo o consumo de maconha no ambiente do quartel.

O Serviço Militar Obrigatório tem por função principal suprir a necessidade de um corpo de tropa capacitado para cumprimento das missões e planejamentos dados pelo **corpo de Oficiais e Praças de uma Força**, sendo estes últimos formados pelas diversas Escolas Militares, que possuem o **concurso público como forma de ingresso, formando militares de carreira**. Há também diversos tipos de concursos para cidadãos que possuam nível técnico ou superior, oferecendo a oportunidade de formar militares temporários que já possuem determinada capacitação para desempenhar funções específicas. Explicarei neste momento a forma de ingresso para as pessoas interessadas em se tornar um oficial do exército brasileiro. (SINES, 2018, p.27)

2.1. Formas de ingresso Oficiais e Sargentos de carreira: Uma breve descrição

2.1.1. Os Oficiais

A principal via para se tornar um oficial combatente é ingressar na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) através do concurso público da Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx).

A EsPCEx foi criada em 1939, e desde então tem sido a porta de entrada para a formação de oficiais do Exército Brasileiro. A AMAN, fundada em 1810, é a instituição responsável pela formação dos cadetes que se tornam oficiais.

O processo de Ingresso na AMAN funciona da seguinte forma: Exame Intelectual (provas escritas), em que o candidato deve prestar um exame intelectual abrangendo matérias como matemática, português, física, química, história, geografia, inglês e redação. Após aprovação na prova escrita, o candidato passa por uma inspeção de saúde, e se a avaliação médica verificar que o candidato está apto, ele passa para a terceira etapa, que é o exame de Aptidão Física, que são testes físicos para avaliar a capacidade física do candidato. O candidato também passa por uma avaliação psicológica e uma revisão dos seus requisitos biográficos e avaliação de idoneidade moral.

O concurso da EsPCEx é nacional, com provas aplicadas em diversas cidades em todos os estados do Brasil, garantindo que candidatos de todas as regiões possam participar. Em 2023, a taxa de inscrição para o concurso da EsPCEx foi de aproximadamente R\$ 100,00. O valor pode variar a cada ano.

A disputa pela vaga na EsPCEx é altamente competitiva. Em 2023, por exemplo, mais de 40.000 candidatos se inscreveram para cerca de 400 vagas, resultando em uma concorrência de aproximadamente 100 candidatos por vaga. Os fatos supracitados revelam que a aprovação nesse concurso está relacionada a uma base educacional muito forte, geralmente encontrada em colégios de elite, em sua maioria, da rede particular de ensino. Isso sugere que o candidato aprovado possui uma condição financeira privilegiada.

Os candidatos aprovados no concurso ingressam na EsPCEx, onde passam um ano em regime de internato. Após concluírem esse período, seguem para a AMAN, onde cursam quatro anos de formação militar. Durante o curso na AMAN, os cadetes recebem formação acadêmica, militar e física, além de realizarem estágios e treinamentos.

A carreira de um oficial do Exército Brasileiro progride através das seguintes patentes: Aspirante a Oficial; Segundo-Tenente; Primeiro-Tenente; Capitão; Major; Tenente-Coronel; Coronel; General de Brigada; General de Divisão e General de Exército⁹.

⁹ Postos mais altos do Exército, para chegar a esse posto os militares, além das notas e cursos que são feitos durante sua carreira (meritocracia) tem que contar com apoio “político” de outros generais, em suma, a chegada até esses postos contam com a meritocracia do mesmo e principalmente de indicação de outros Generais. Essa situação também é observada, salvo as devidas proporções, entre as praças que tentam ascender ao oficialato, será discutido *a posteriori*.

As observações em campo apontam que mesmo com as ações afirmativas, que buscam aumentar a representatividade de negros e pardos, o quadro de Oficiais é dominado por homens brancos. Entre os Oficiais-Generais, apenas onze são negros ou pardos, desde a fundação do Exército Brasileiro, em 1822¹⁰. No geral, os oficiais vêm de famílias financeiramente abastadas e são filhos de militares, o que difere das outras formas de ingresso que serão explicadas *a posteriori*.

O Exército afirma que “não há qualquer seleção pautada na cor ou raça de uma pessoa, desde o seu ingresso nas Forças Armadas até o instante em que o militar é transferido para a inatividade”. A progressão na carreira militar segue critérios diversos, como concurso público, antiguidade, experiência medida por pontuação e escolha direta de superiores hierárquicos. (O GLOBO)

Desde 1992, as mulheres têm sido admitidas em diversas áreas, incluindo a AMAN. Porém, a presença feminina entre oficiais, observada na tropa, ainda é limitada às áreas de saúde e administração.

A aposentadoria dos militares segue regras específicas, distintas do regime geral da previdência social. Em geral, os militares podem se aposentar após 30 anos de serviço, com variações conforme a carreira e a legislação vigente.

2.1.2. Os Sargentos

A principal via para se tornar um Sargento combatente é ingressar na Escola de Sargentos das Armas (ESA).

Para ingressar na ESA, o candidato deve primeiro passar pelo concurso público, que envolve várias etapas seletivas, incluindo exames intelectuais, inspeções de saúde, exames de aptidão física, avaliações psicológicas e comprovação de requisitos biográficos. A taxa de inscrição para o concurso é de aproximadamente R\$ 95,00 (dados da prova de 2023).

Os candidatos aprovados no concurso ingressam na ESA e, após cerca de dois anos de formação intensiva, tornam-se Sargentos. Durante a carreira, os Sargentos podem

¹⁰ Artigo publicado pelo jornal o globo disponível em <https://oglobo.globo.com/politica/epoca/exercito-teve-apenas-11-generais-negros-ao-longo-de-sua-historia-25061372>

progredir através das patentes, iniciando como 3º Sargento, 2º Sargento, 1º Sargento e Subtenente, com os salários variando conforme a patente. É importante sinalizar que é possível chegar ao oficialato, atingido a patente de capitão, porém as vagas são limitadas, nem todos da mesma turma alcançarão este posto. Há uma ideia entre os próprios militares de que existe um funil, no qual a porcentagem de agraciados é limitada.

A rotina diária dos alunos na ESA inclui treinamentos físicos, aulas teóricas e práticas, estágios e exercícios de campo, e atividades de disciplina militar. A formação é projetada para desenvolver tanto habilidades militares quanto técnicas que serão colocadas em prática no corpo de tropa (quartéis e batalhões).

Através das observações feitas em campo, é nítido que o número de Sargentos não brancos é proporcionalmente maior que o observado entre os Oficiais, observação também válida em relação ao segmento feminino. Como disse anteriormente, este é um debate de suma importância e observar os motivos pelo qual isso acontece é enriquecedor, porém não é o caminho que buscamos neste trabalho.

No final da formação, o Oficial e o Sargento são enviados para quartéis de sua escolha (a prioridade é definida por notas obtidas na formação) onde desenvolverão tudo que foi aprendido nas Escolas de formação. Em geral, como visualizado em campo, os Sargentos têm contato mais próximo com os Cabos e Soldados. Sendo assim, o autor teve contato direto e mais frequente com Sargentos¹¹ durante oito anos, e algumas falas foram marcantes, algumas com um tom de decepção com a carreira, outras mais motivadas com o universo militar, visando promoções, condecorações etc. Por fim, outros satisfeitos com a carreira, como foi possível observar na fala de um Sargento mais novo: “*se eu morrer sub¹²Tá bom!*”. (informação verbal)¹³.

O parágrafo anterior não indica a inexistência de diálogos informais com oficiais, mas ressalta que esses eram menos frequentes e geralmente limitados a assuntos militares ou abordados de maneira superficial. Em contrapartida, debates mais acalorados sobre temas como maconha, aborto e questões políticas eram comuns entre Sargentos, Cabos e

¹¹ A realidade vivida pré militarismo pelos Sargentos, geralmente, é mais próxima das vividas por Cabos e Soldados, para muitos Cabos e Soldados ser Sargento não é um sonho impossível. esse fato pode explicar a proximidade entre as carreiras, além é claro, da proximidade profissional e hierárquica entre as patentes.

¹² Categoria nativa utilizada para abreviar a palavra subtenente.

¹³ Fala de um Sargento durante uma conversa informal em 2023.

Soldados. No entanto, em rodas de conversa com a presença de oficiais, havia uma tendência a evitar esses temas ou a omitir opiniões pessoais mais contundentes.

Das diversas oportunidades de conversas informais com um Sargento mais experiente, este afirmou considerar a carreira de Sargento "decepcionante e desanimadora". Entre os motivos citados estão a lentidão nas promoções, as limitadas oportunidades para alcançar o oficialato e a necessidade de "babar ovo¹⁴" de oficiais. Por isso, muitos que ingressam no Exército por meio da prova da ESA utilizam a instituição como um trampolim¹⁵ para outras carreiras. Afinal, o aluno formado pela ESA obtém um diploma de tecnólogo, além de desfrutar dos benefícios de ser um funcionário público e de ter um salário atrativo. Este é, sem dúvida, mais um debate relevante que o autor opta por não aprofundar, mas que fica como sugestão para possíveis leitores interessados em explorar o tema.

2.2. O SMO e a Observação Participante

Neste ponto do trabalho abordaremos o ingresso no Exército Brasileiro através do Serviço Militar Obrigatório, além das informações formais e de praxe, o autor inclui relatos da sua experiência como militar da reserva oriundo do SMO.

O Serviço Militar Obrigatório (SMO) é uma etapa da vida pela qual a maioria dos nascidos com o sexo biológico masculino, que possuem de dezessete a dezoito anos, passa. Para alguns, é um momento muito aguardado; para outros, é temido; e, para os demais, indiferente. O que se pode afirmar é que este momento marca a vida de qualquer jovem, pois as experiências são parecidas. Relatos de pessoas com mais de quarenta anos de idade foram ouvidos, e estes lembram exatamente como foi o processo de apresentação e alistamento. Um dos relatos mais marcantes (e engraçados) foi o do pai do autor. Ele

¹⁴ Trata-se de uma categoria nativa, baba ovo seria o militar que faz mais que o necessário, com o intuito de chamar a atenção de um superior, suas intenções são puramente individuais. Há quem julgue essa ação como uma postura negativa.

¹⁵ Por ser um concurso, mais fácil em comparação ao de oficiais, alguns optam por fazer o concurso da ESA não por ser um sonho em ser militar do Exército, mas por proporcionar os benefícios que facilitarão no ingresso em outra instituição ou fornecem uma base econômica para o início de uma vida no ramo empresarial, como é o exemplo de cinco ex-Sargentos que o autor pode trabalhar, dois deles passaram na prova da polícia rodoviária federal, um passou para a polícia judiciária e outros dois seguiram na carreira empresarial, em comum todos eram Sargentos formado na ESA e buscavam salários e condições melhores.

não serviu, mas passou por todas as fases até ser dispensado por excesso de contingente¹⁶.

Em sua fala ele relata o seguinte:

No meu tempo foi sinistro, não podia nem encostar no muro, lembro que fiquei tão nervoso que esqueci meu nome, o Soldado que me entrevistou perguntou tudo sobre a minha vida, se eu usava drogas e na época eu fumava né [risos] e no final perguntou meu nome novamente, mas estava tão nervoso que simplesmente só lembrava do meu apelido, foi aí que ele me fez passar por tudo (todas as etapas) para no fim me dispensar. (informação verbal)¹⁷

Essa etapa da vida que a maioria dos homens experimentaram ou vão experimentar está prevista na Constituição Federal (CF/88), como aborda Sines.

Outra forma de composição do efetivo das FA é o Serviço Militar Obrigatório, previsto na CF/88 no Art. 143, onde todo cidadão do sexo masculino, de 01 de janeiro a 31 de dezembro do ano em que completa 18 anos de idade, deve se apresentar em uma Junta de Serviço Militar (JSM) para participar do processo de alistamento militar. Os que não se apresentarem ou que não cumprirem com alguma das fases do alistamento serão considerados, respectivamente, refratários ou insubmissos, ficando sujeitos à Justiça Militar. (SINES, 2018, p.14)

O militar que inicia sua jornada militar através do SMO tem a possibilidade de permanecer na força por apenas oito anos. As possibilidades de ascensão na breve carreira são: Soldado antigo, Cabo e Terceiro Sargento. Não há outro mecanismo interno que possibilita a este militar alcançar outras patentes e consiga a sonhada estabilidade. Ou seja, a não ser que o militar faça uma prova externa, aberta ao público geral, ele nunca irá alcançar os itens citados acima.

[...] o sistema de dupla entrada da PM prevê o ingresso na organização policial militar pelo quadro de oficiais ou pelo quadro de praças. Para os candidatos

¹⁶ isto é, na sua região a quantidade de alistados é bem maior que as vagas para servir o quartel

¹⁷ Fala do pai do autor durante uma conversa informal.

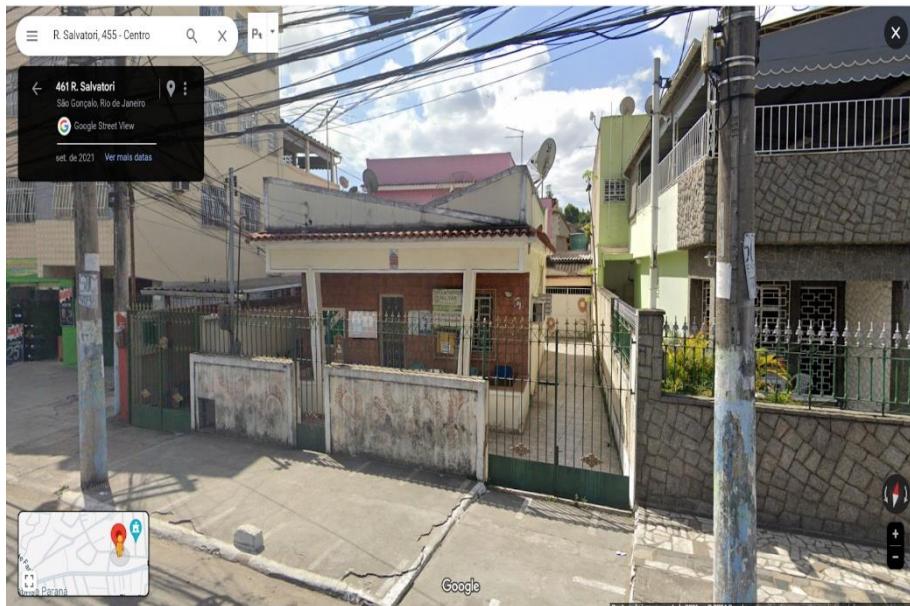
que iniciam a sua carreira policial como Oficial PM, está aberta a oportunidade para galgar os postos mais elevados da corporação, que se traduzem nas prestigiadas posições superiores de comando e planejamento, quase sempre distantes do trabalho nas ruas. O mesmo não ocorre com aqueles policiais que “vêm de baixo” da pirâmide hierárquica (MUNIZ,1999. p 233)

2.2.1 Relatos da experiência vivida pelo autor

Em 2015, quando chegou o momento de me alistar, não foi diferente. O primeiro passo foi perguntar aos meus amigos mais velhos sobre suas experiências, quais documentos tinha que levar, qual o melhor horário para chegar, com que tipo de vestimenta ir, se ficava pelado na frente de todo mundo, se iria fazer algum teste físico, entre outras dúvidas que surgiram naquele momento. As respostas não eram as mais agradáveis, a começar pelo horário que deveríamos estar no local para conseguir pegar a senha de atendimento. Após conseguir a senha, passaria pelo atendimento dos servidores civis, que não era do mais cortês, e terminaria no tratamento ríspido dos militares.

Não me recordo de datas exatas, mas lembro que estava concluindo um curso técnico no SENAI e tive que pedir autorização para faltar a algumas aulas. A primeira vez que me apresentei foi na 18º Junta de Serviço Militar em São Gonçalo, a mais próxima da minha casa. Lembro de sair de casa às 04:00 da manhã e chegar no local por volta das 05:00. A fila já estava enorme, e me recordo de um amigo ter avisado que eles distribuem apenas cem senhas por dia, sendo que a distribuição das senhas só começa por volta das 08:00. Ou seja, a menos que o interessado saísse na fila contando quantas pessoas tinham na sua frente, nós só descobriríamos nossa posição no momento da entrega. Por sorte recebi o número 82 e fui atendido no mesmo dia.

Figura 7 - Local no qual ocorreu o primeiro contato com o alistamento



Fonte: captura de imagem Google Maps, 2024.

Algo que me marcou bastante foi o fato de estar apenas com meus documentos originais. Foi recomendado levar uma cópia de cada e eu não levei, então tive que sair da fila para tentar fazer as cópias. Foi algo rápido, porém fiquei com medo de perder meu lugar na fila, mesmo já estando com a senha que foi distribuída.

Figura 8 - Fila de jovens para o alistamento militar em 2012.



Fonte: site do G1, acesso em 2024.

REVISTA
•CAMPO•MINADO•

Estudos Acadêmicos em Segurança Pública

Revista Campo Minado, v. 5, n. 7,
Niterói, páginas 314-386, 1º sem. 2025

O contato inicial com a servidora civil foi rápido e bem ríspido, ela fez perguntas de praxe para confirmar os dados dos documentos apresentados, fez perguntas sobre irmãos, relacionamento dos pais, se eram vivos ou não, se eu já trabalhava, se de alguma forma minha renda ajudava nas contas de casa, se tinha concluído o ensino médio, se eu era voluntário para servir (respondi que não). Duas perguntas me pegaram de surpresa: se eu tinha envolvimento com o crime e se eu usava drogas. Já imaginava que essas perguntas surgiriam em algum momento, mas não imaginava que seria naquele.

Após essa entrevista, recebi meu CAM¹⁸, documento expedido pelo MD¹⁹, que identifica e registra as etapas que o jovem passa durante seu recrutamento, carimbado. Nesse carimbo estava a hora e o local que eu deveria me apresentar futuramente.

Figura 9 - Frente do CAM



Fonte: Imagens do autor, 2024.

¹⁸ Certificado de apresentação militar.

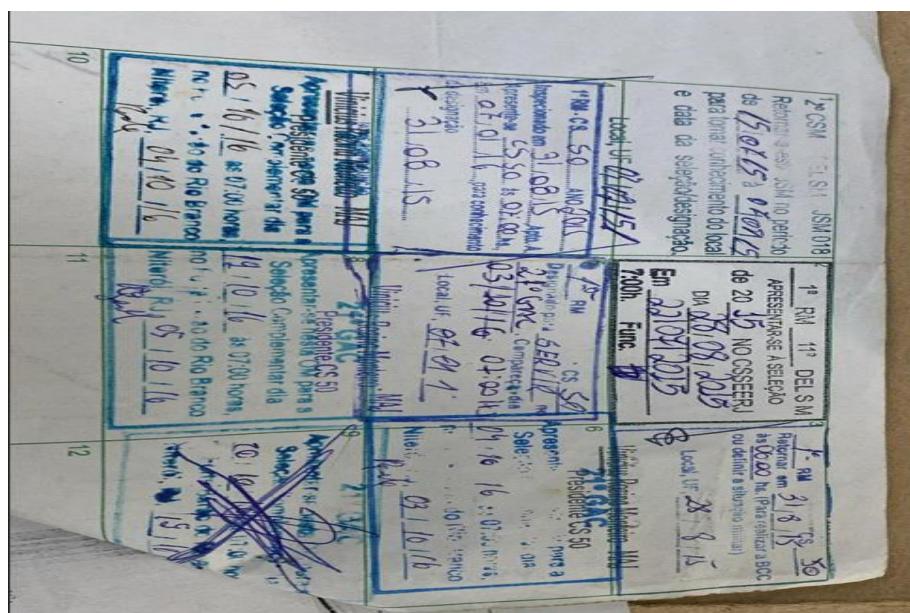
¹⁹ Ministério da Defesa

REVISTA
•CAMPO•MINADO•

Estudos Acadêmicos em Segurança Pública

Revista Campo Minado, v. 5, n. 7,
Niterói, páginas 314-386, 1º sem. 2025

Figura 10 - Verso do CAM



Fonte: Imagens do autor, 2024.

Tempos depois me apresentei no CSSEERJ²⁰ Barreto, desta vez sai de casa ainda mais cedo, pois sabia que neste local o contato iria ser com os militares. Cheguei ao local por volta das 04:40 da manhã e novamente me deparei com uma fila enorme, porém menor que a encontrada na JSM²¹. A presença dos militares se iniciou por volta das 06:30 da manhã.

²⁰ Clube dos subtenentes e Sargentos do Exército do Estado do Rio de Janeiro.

²¹ Junta de Serviço Militar

REVISTA
•CAMPO•MINADO•

Estudos Acadêmicos em Segurança Pública

Revista Campo Minado, v. 5, n. 7,
Niterói, páginas 314-386, 1º sem. 2025

Figura 11 - Faixada do CSSEERJ



Fonte: Captura de tela do *Google Maps*, 2024.

As ordens iniciais foram: colocar a camisa para dentro das calças, retirar acessórios (boné, cordões, anéis, óculos escuros, relógio, brincos e *piercing*), falar baixo, desligar os celulares e não encostar nas paredes. Nos foi perguntado, inicialmente, se todos estavam com os documentos previstos, e caso contrário, poderíamos voltar para casa (em tom sarcástico).

Figura 12 - Interior do local



Fonte: Captura de tela Facebook do CESSEERJ.

Aos poucos começaram a chamar na ordem de chegada e foram nos encaminhando para cadeiras, que não poderiam ser mudadas de local, como bem ordenou um militar que nos guiava. Só depois que todos que estavam do lado de fora entraram e se acomodaram, iniciaram o segundo passo. Começaram a chamar por ordem alfabética, como meu nome inicia com a letra “E”, não demorou muito. A **primeira** etapa era uma entrevista menos elaborada, perguntando se eu tinha interesse de servir ou não (novamente neguei). A **segunda** etapa foi um teste intelectual, todos foram colocados em posição em cadeiras com mesa do tipo escolar, nessa mesa tinha um caderno de questões e uma folha em que deveríamos colocar o gabarito, um lápis preto e uma borracha que não apagava. A prova funcionava da seguinte maneira: o militar daria um sinal e deveríamos fazer a página um, após um determinado tempo ele dava um novo sinal e deveríamos parar de fazer a página um e iniciar a dois. Não poderíamos voltar nem avançar, me recordo de terem mais de vinte páginas. Apesar das orientações, tiveram jovens que fizeram errado: além de não respeitarem essa sequência das páginas, colocaram as respostas no caderno de questões e não no gabarito, como foi indicado. Nesse momento o militar guia esbravejava com eles, ainda civis. Esse fato pareceu-me ser bem recorrente, pois meu caderno já tinha marcas de respostas. O **terceiro** passo foi similar ao segundo, porém ao invés de questões de

matemática, raciocínio lógico, português e história, foram perguntas no estilo teste vocacional: cada página tinha quatro figuras de atividades das FA²² e deveríamos escolher uma por página. Após a realização dos testes, voltamos para as cadeiras do início, fomos chamados novamente e recebemos o nossos CAM carimbados com uma nova data de retorno.

No mesmo local, em outro dia, ocorreu o **quarto** passo, que era o mais temido entre muitos: o exame de saúde. Nesta etapa também éramos chamados por ordem alfabética. O ambiente era um corredor bem comprido com apenas uma tapagem, que visava limitar a visão de quem via de fora do corredor. A ordem era para fazermos uma fila, voltados para o fim do corredor, até o primeiro chegar próximo da parede. Depois, todos viraram para frente, ficando lado a lado, e em seguida, foi dada a ordem para descermos as calças e a cueca. Todos juntos, em movimento uniforme, agachamos enquanto um médico passava observando. A seguir, individualmente, tínhamos que levantar o pênis com uma mão e assoprar o pulso da outra mão. Após o exame de hérnia, tivemos o exame de vista, que era bem simples: tapávamos o olho e o médico pedia para falarmos os números, só que os números eram os mesmos, e quem estava na fila conseguia ouvir. Por fim, foi feito uma anamnese e novamente fomos perguntados sobre uso de drogas. Desta vez também foi perguntado sobre relações sexuais. Assim foi realizada a avaliação médica. Vale ressaltar que os exames médicos reprovavam de imediato, logo, caso não fosse aprovado, o conscrito pegava seu CAM com uma nova data para pegar o certificado de reservista. O **quinto** e último passo foram as entrevistas com os próprios militares. No meu caso, passei por dois militares, o primeiro fez perguntas focadas no profissional, sobre minhas experiências e habilidades. Ele também perguntou sobre meu relacionamento familiar e se eu tinha interesse em servir (neguei novamente). O segundo entrevistador iniciou fazendo piada sobre meu nariz “*com esse narigão é impossível que você não gosta de cheirar um pó*” (informação verbal²³), o que neguei, e ele novamente questionou sobre o uso de drogas. Em seguida, perguntou meu endereço, sobre a localidade, sobre a presença de tráfico de drogas, se eu era de alguma religião, etc. No final, perguntou se eu queria servir e novamente neguei. Então, ele perguntou: “e se você

²² Forças Armadas

²³ Diálogo entre o autor e o militar que fazia parte do recrutamento em 2015.

não tivesse opção, qual força escolheria?” respondi “Marinha” e ele indagou “*mas você sabe nadar?*” (informação verbal) e respondi “*mais ou menos*”, novamente ele retrucou “*mais ou menos igual uma sereia ou mais ou menos igual uma piranha?*” (informação verbal). Confesso que não esperava por essa pergunta, respondi então que não sabia nadar e que preferia o Exército. Após essa entrevista, foi indicado voltar para mesmo local do início do processo e aguardar. Lá esperamos por muito tempo, até que começaram a chamar em ordem alfabética, como de praxe. Quando recebemos o nosso CAM, que tinha o carimbo com duas opções: dispensado por excesso de contingente ou o nome do quartel em que deveríamos nos apresentar e a data. No meu, estava o nome do quartel e o horário. Na saída tinha um quadro com o endereço dos quartéis.

Atentando-se para as oportunidades de melhoria em seus sistemas gerenciais e com o intuito de aprimorar os métodos de alistamento militar, desde janeiro de 2018 o EB disponibilizou o alistamento online. Neste processo o conscrito evita algumas etapas citadas acima. De acordo com o SINES:

nessa nova modalidade de alistamento o jovem poderá ter a comodidade de realizar o seu alistamento militar utilizando o mais moderno meio de acesso (computadores e smartphones), no conforto de sua residência, evitando a permanência indesejável em eventuais filas. Este procedimento visa melhorar a situação da ida à JSM, objetivando ainda mais o processo, uma vez que os não-voluntários já são identificados de forma online, podendo acelerar o trâmite para dispensa destes conscritos como excesso de contingente. (SINES, 2018, p.41)

2.2.2. A ida ao Quartel

Imagine-se entrando pela primeira vez em um quartel do Exército, uma “Instituição total” segundo explica Erving Goffman (1974). Local em que a partir de um determinado momento, todas as suas atividades, como dormir, tomar banho, praticar esportes, comer, e receber instruções serão realizadas com horários pré-definidos e controlados por funcionários que exercem certa relação de poder. Trata-se de pessoas de locais e características diferentes que passarão a ter um comportamento uniforme, que tem como objetivo final formar o Soldado do Exército Brasileiro.

Em quarto lugar, há instituições estabelecidas com a intenção de realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho, e que se justificam apenas através de tais fundamentos instrumentais: quartéis, navios, escolas internas, campos de trabalho, colônias e grandes mansões (do ponto de vista dos que vivem nas moradias de empregados) (GOFFMAN, 1974, p.17)

A sensação de não pertencimento, militares com olhar de rapina²⁴, tom de voz nas alturas, postura e marcialidade em cada movimento, fazem a atenção aos detalhes ser encoberta pelo medo. No dia que me apresentei no quartel lembro de estar fazendo muito frio e o Soldado que estava nos recepcionando ordenou que todos tirassem o casaco e todos os acessórios do corpo. Não nos foi informado como seria o procedimento no quartel, se já iríamos ficar direto, se retornaríamos para casa, nenhuma informação foi passada. Apenas dois amigos tinham passado para essa fase e eles já estavam no quartel, ou seja, não tinha como fazer contato para perguntar como foram suas experiências. Munido de desinformação, resolvi levar na mochila cinco cuecas, uma escova de dente, um rolo de papel higiênico, uma toalha, um caderno pequeno, um pacote de bananada, uma caneta e uma Bíblia. Ao total, fomos ao quartel durante duas semanas. Cada dia tinha uma etapa diferente, diversas entrevistas, muitas palestras e alguns vídeos institucionais nos motivando a servir. Em todas as oportunidades em que era questionado se eu queria servir, eu negava. Em pelo menos três entrevistas com militares diferentes fui perguntado sobre o uso de drogas²⁵. Esse questionamento incisivo me chamou muita atenção e então já criei a percepção de que o uso de qualquer substância no interior do quartel seria inadmissível. Os dias foram se passando e todo dia alguém era dispensado e eu continuava lá, todos os dias perguntavam quem era voluntário e eu não levantava a mão, mas sempre recebia o carimbo para voltar no dia seguinte. No penúltimo dia antes da incorporação, mudei minha decisão, decidi que queria servir, pelo menos para ver como seria, afinal de contas seria um ano de emprego garantido. No dia seguinte estava medindo tamanho da farda, raspando o cabelo, recebendo um número que me identificaria no decorrer do ano

²⁴ Referente a aves de rapinas, aves conhecidas por serem predadoras.

²⁵ É perceptível que durante as entrevistas existe uma tentativa, através do constrangimento e medo, de filtrar e descartar qualquer jovem que faça uso de alguma substância, ao mesmo passo que já tentam impor uma mentalidade de que o consumo no interior do quartel é algo inadmissível.

e aprendendo a marchar (sinais de homogeneização da tropa, métodos para tornar todos iguais) e no dia primeiro de novembro de 2016 minha turma incorporou nas fileiras do Exército.

Perpassados todos os longos processos da Seleção Geral, é efetuada a incorporação, este sendo o ato de inclusão do jovem em uma OM das FA como recrutas. Os primeiros dias destinam-se a familiarizar o recruta com a rotina e as práticas comuns ao ambiente militar. Nesse período, o jovem inicia a prática controlada de atividades físicas, adquire noções de hierarquia, disciplina e civismo; habitua-se aos horários rígidos e começa a desenvolver um sadio espírito de camaradagem, essencial ao trabalho em equipe. Ao longo do ano, prosseguem com as atividades inerentes a cada Força e de cada OM singular na prestação do SM. (SINES, 2018, p.46)

O internato durou quatro semanas. Nós fomos liberados na sexta-feira da segunda semana e retornávamos no domingo antes das 22:00. Foram semanas complicadas que moldaram minha mentalidade em vários aspectos, começando pela valorização do sono e da água. Também aprendi sobre camaradagem, muito valiosa para o trabalho, pois através dela se originam alguns casos do objeto de estudo, Os Miliconheiros. Além disso, é através da camaradagem que se “aprende técnicas” (BECKER, 2019, p.57) e cria-se confiança nos seus pares.

O período do internato tem o intuito principal de desconectar o agora recruta da sua antiga vida de paisano²⁶ (SINES, 2018, p.52). Este é um momento que requer esforço físico exacerbado, além de testar as condições psicológicas do recruta.

A formação no Período Básico se inicia pelo temido Internato, onde os Soldados ficam aquartelados durante quatro semanas seguidas sem sair da unidade, tendo todos os horários e quaisquer ações reguladas e amarradas pelos instrutores, recebendo instruções que envolvem diversos aspectos. Visando o desenvolvimento de habilidades e atributos inerentes a todo Soldado e a desconexão com a antiga rotina que os jovens possuíam, eles são submetidos a um intenso e controlado programa de treinamento militar.

²⁶ Gíria para identificar o público civil, ou seja, qualquer um que não seja militar.

No decorrer do período básico, o militar atravessa várias instruções para aprender, principalmente, sobre como deve ser sua conduta como militar. Além disso, aprende diversas técnicas que devem ser empregadas em um possível conflito em defesa da nação. Para desenvolver esta seção o autor escreve sobre algumas dessas instruções pertinentes a esta monografia. O autor decidiu fazer esse recorte pensando no objeto do trabalho, que são Os Miliconheiros. É uma escolha do autor deixar de falar sobre algumas etapas da formação, falar de cada instrução trazendo as experiências de campo seria trabalhoso e nem todas as informações competem ao tema. Julgo que para um trabalho sobre a formação do militar, esmiuçar sobre os detalhes que os manuais não contam seria imprescindível. Porém, para este trabalho, que fala sobre os Miliconheiros, citar, por exemplo, a instrução de boas maneiras na hora refeição, ou falar sobre a instrução de tiro seria inútil, além das informações sigilosas que naturalmente não seriam explicitadas. Apesar de serem relatos interessantes e curiosos, em nada acrescentariam no conteúdo final da atividade.

Uma das principais instruções é a de Justiça e Disciplina, que é uma instrução de “banquinho²⁷”. Nesse momento, Soldados conhecem o que podem e não podem fazer, e o artigo 290 (Tráfico, posse ou uso de entorpecente ou substância de efeito similar) do Código Penal Militar (CPM), é abordado. Aqui, o artigo será tratado de maneira mais ampla *a posteriori* e consequentemente será falado sobre a maconha e seu consumo no interior do quartel. Nesta instrução é ensinado que o militar não deve consumir nenhum tipo de droga, principalmente no interior do quartel. É explícito o apelo para que se “caguete²⁸”, caso seja observado o consumo entre os pares. Inclusive, caso ocorra, o militar que dedurar será agraciado de alguma forma. Apesar de se tratar de uma instrução com apelo jurídico, o assunto drogas é mencionado com um teor moral, até mesmo religioso. Não me recordo, enquanto instruído e instrutor, de existir algum tipo de debate voltado para redução de danos no uso recreativo ou uso terapêutico da maconha, por exemplo.

²⁷ De banquinho, pois é uma instrução 100% teórica, no qual o militar passa todo o tempo sentando-se em uma cadeira ouvindo seu instrutor. Geralmente esse tipo de instrução ocorria no período noturno.

²⁸ O ato de caguetar é uma categoria nativa que significa entregar alguém que esteja cometendo um ato ilícito, também podemos observar a expressão dedurar, que significa a mesma coisa.

JUSTIÇA E DISCIPLINA – Destinada para identificar e destrinchar todos os regulamentos internos aos quais os Soldados estão sujeitos, como o Regulamento Interno de Serviços Gerais (RISG) e o Regulamento Disciplinar do Exército (RDE) e o Código Penal Militar (CPM), conceituando denominações como Transgressões disciplinares, identificar as causas de justificação, circunstâncias agravantes e atenuantes; Reconhecer o significado da punição disciplinar; citar os requisitos de classificação do comportamento, bem como citar as condições previstas para melhoria de comportamento; Conceituar crime militar e descrever os casos de deserção, insubmissão e insubordinação. Tem por função principal demonstrar aos militares quais são as consequências do não cumprimento dos regulamentos, desde a advertência até a prisão, reforçando que o militar deve sempre agir conforme o regulamento, pois inclusive sua liberdade pode ser cerceada caso descumpra ordens. (SINES, 2018, p.61)

Durante a permanência no campo, tive contato com informações e folhetos que eram divulgados em grupos de *Whatsapp* e colocados em quadros de aviso a respeito da valorização da vida, além de informações e contatos telefônicos objetivando a prevenção de suicídio. De igual forma, pude observar folhetos sobre consumo abusivo de álcool e sobre direção segura. Não vi essa mesma divulgação de informações a respeito de consumo de drogas, apenas tenho relatos de divulgação de trechos de uma portaria que aprova as Instruções Gerais para as Medidas de Prevenção ao Uso Indevido de Substâncias Psicoativas Ilícitas no âmbito militar. Essas informações foram divulgadas em grupos de Cabos e Soldados com intuito de comunicar de forma cômica sobre possíveis exames toxicológicos e surgiam constantemente, pelo menos uma vez no ano. Nessas ocasiões, o comentário entre Cabos e Soldados é quase unânime: “*não vão fazer porque vai ter muito oficial que vai rodar e eles sabem disso*” (informação verbal). Se é de fato por esse motivo, não posso afirmar, porém não observei nenhum exame toxicológico durante esses oito anos, seja por sorteio ou inopinado.

Existem as instruções voltadas para o emprego tático dos militares, voltadas para ensinar sobre serviços, defesa do aquartelamento e terrenos em que serão realizadas suas atividades. Estas informações são importantes para o contexto do trabalho, pois é durante

os serviços que ocorrem alguns dos casos envolvendo Miliconheiros, seja por estarem de serviço, ou por envolverem diretamente outros militares de serviço.

SERVIÇOS INTERNOS E EXTERNOS – Busca identificar aos jovens militares os diversos tipos de escala a que este concorre em sua OM²⁹, bem como o modo de tomada de conhecimento da escala de serviço. Visa também demonstrar os deveres, atribuições e responsabilidades do militar de serviço. (SINES, 2018, p.63)

Alguns dos entrevistados relatam que consumiam maconha durante o serviço, pois ajudava na concentração e a fazia a hora passar mais rápido. Já outros relatam que preferiam consumir em dias normais, quando não tinham exigências de uma pronta resposta em caso de invasão ou algo assim, tendo em vista que estavam cumprindo apenas o expediente administrativo.

DEFESA DO AQUARTELAMENTO – Visa promover orientações sobre as Missões do Soldado que exerce a função de Guarda ao Quartel, descrevendo os pontos sensíveis da OM - como Reservas de Armamento, Paiol de Munições, Viaturas etc. – e quais os procedimentos de segurança caso algum destes estivesse tendo algum tipo de alteração, executando o Plano de Defesa ao aquartelamento (PDA) corretamente. (SINES, 2018, p.62)

Durante a formação os Soldados recebem instruções sobre técnicas militares, que são utilizadas ao longo da carreira em diversas atividades, como acampamentos, estágios, cursos, treinamentos, e por fim, em operações (missões reais). Estas instruções são importantes para o contexto do trabalho, pois através das entrevistas e observações nota-se o emprego dessas técnicas por Miliconheiros.

UTILIZAÇÃO DO TERRENO – Visa orientar o militar sobre a importância do terreno para quaisquer cumprimento de missão: dá mais simples até a situação de extrema sobrevivência e necessidade de defesa da própria vida, utilizando-se do terreno para: observação; progressão diurna e noturna; para progredir e atirar; acuidade visual

²⁹ Organização Militar, similar a Quartel ou Batalhão.

e auditiva (intuito de desenvolver a avaliação de distância, de objetos, sons e/ou luzes), bem como o valor militar da possível utilização dos acidentes no terreno e cobertas e abrigos para proteção da tropa. **TÉCNICAS DE CAMUFLAGEM** – Visa demonstrar a importância da camuflagem no terreno para quaisquer tipos de operação, bem como os tipos de camuflagem pessoal e de localidades ou viaturas, utilizando-se de meios artificiais ou naturais da própria vegetação do local. **TÉCNICAS ESPECIAIS** – Instrução que possui diversas ramificações, todas com o objetivo de demonstrar técnicas específicas de combate e sobrevivência militar. Possui instruções como silenciamento de sentinela inimigo, pista de cordas, nós e amarras, construção de abrigos com materiais da natureza; transposição de cursos d’água; flutuação com equipamento individual e peças de uniforme; acuidade visual e auditiva, entre outros. (SINES, 2018, p.63)

As informações supracitadas são confirmadas pelo relato de um dos entrevistados, que receberá a alcunha de Mané Galinha. Em sua fala é possível observar que o Soldado utilizou as técnicas aprendidas em sua formação para consumir maconha em um acampamento.

[...] até quando eu fui rádio operador, minha primeira membeca³⁰ que eu fui, caralho, eu levei um dolão³¹ de vinte, mano, primeira membeca, eu nunca tinha ido, fui pra um lugar que era mato pra caralho, mano, sumi numa cota daquela lá, apertei um baseado, eu tinha, pra você ver, fui pra instrução de camuflagem do recruta, eu vi como é que era o bagulho de camuflagem, tipo, um isqueiro aceso até mil km, uma marca de tiro a não sei quantos metro, um cigarro aceso a não sei quantos metros, pô, aí, então a gente aprendeu a camuflar, né, saber que podia ver, então já levava uma paradinha, pegava meu gorro, assim, acendia atrás do gorro, de cima da cota, ia lá voltar a fazer meu serviço, fui lá, o melhor rádio operador de 2016. (entrevista cedida pelo Soldado Mané Galinha via Whatsapp)

Após as instruções do período básico, os Soldados são submetidos ao Campo básico. Neste momento, eles passam por um intenso teste de resistência e concentração. O campo é a última prova do Soldado antes de receber a boina.

³⁰ Acampamento militar que promove o treinamento da tropa em uma simulação de guerra, geralmente ocorre em Resende (RJ) com duração que pode ultrapassar duas semanas.

³¹ Maconha do tipo prensado, neste caso custava R\$20,00. Não consigo precisar a quantidade em grama.

[...]entrega da boina verde-oliva, conquista que representa a dedicação, esforço e comprometimento com as atribuições do militar do EB. Nesta formatura, os familiares dos recrutas são chamados sem que os militares saibam, causando uma sadia surpresa e uma emocionante solenidade, uma vez que são os familiares que entregam as boinas aos jovens. A boina representa, ainda, um ritual de passagem final do recruta. A partir daquele momento, ele deixa de ser um recruta e se torna um Soldado do Exército Brasileiro. (SINES, 2018, p.67)

As atividades exigem um elevado esforço físico e mental, e são colocadas em prática todas as instruções aprendidas durante o período básico como.

Durante todo o campo o militar é posto em situações adversas onde sua capacidade cognitiva, equilíbrio emocional e resistência física são testados a todo momento, fazendo com que o recruta busque em seus conhecimentos adquiridos em todas as instruções informações que se complementam de modo a sanar as situações adversas apresentadas para ele ao longo da semana do campo. (SINES, 2018, p.65)

Não foi observado o uso de maconha por recrutas durante o campo, pois o militar mal tem tempo para fazer suas necessidades fisiológicas, quem dirá “apertar” um baseado de maconha e fumar em um local no qual todos os olhos estão apontados para ele. O consumo de maconha por outros militares envolvidos no Campo, como instrutores ou como apoio logístico também não foi observado. Esse fato ocorre porque os militares que estão instruindo estão a todo tempo ocupados com diversas atividades, enquanto são observados por militares mais antigos que supervisionam as instruções. Contudo, não é possível dizer que não existe o consumo de maconha durante o campo.

Conclui-se as informações relacionadas a formação do Soldado. Os não ditos, aprendizados de práticas rotineiras, posturas e outras informações serão esmiuçadas *a posteriori*, quando forem inerentes ao objeto Miliconheiros, e o uso de maconha dentro de um quartel do Exército.

3. Como acessar o “Miliconheiro”: comentários acerca do percurso metodológico

A obra que foi o estopim para a escrita desta monografia foi a leitura do trabalho de Cruz e Costa (2021) intitulado “É tudo ganso? A (in)distinção entre usuários e traficantes de drogas e seus limites na perspectiva dos policiais militares do Rio de Janeiro”, que aborda o uso de drogas por policiais militares e a relação com outros policiais a partir da análise da categoria nativa “ganso”, termo usado para estigmatizar, ou seja, explicitar um conjunto de comportamentos considerados deteriorados e reprováveis. O contato ocorreu durante uma palestra na Universidade Federal Fluminense em que uma das autoras, policial militar, contou sobre como foi escrever sobre sua própria profissão e as situações que fazem parte do meio militar no qual está inserida.

Inspirado no trabalho citado acima, o autor começa a analisar sob outras perspectivas as questões do seu dia a dia dentro do quartel. Um dos pontos desconstruídos é o consumo de maconha por militares no interior do quartel. Para desnaturalizar o que vemos no dia a dia o autor segue as orientações de VELHO (1978, p.123): “O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido”.

O recorte ocorre primordialmente pela proximidade do autor com os envolvidos com o tema. O autor, por ser militar da ativa (durante maior parte da escrita deste trabalho), tem facilidade de circular entre os Miliconheiros. Desta maneira, o autor opta pela instituição Exército Brasileiro e define que usará apenas o quartel em que serviu como campo de pesquisa. A antropóloga Haydeé Caruso defende a importância da observação *in loco* na sua dissertação de mestrado.

É importante frisar que priorizei a observação *in loco* justamente porque entendia que seria a partir desta experiência de campo que as problemáticas obrigatórias, em torno do tema escolhido, seriam explicitadas e poderiam ser posteriormente exploradas em entrevistas individualizadas (CARUSO, 2004 p. 55).

3.1. Como chego na maconha?

Ao longo de oito anos de serviço no Exército, o pesquisador inseriu-se diretamente no ambiente estudado, vivenciando o cotidiano dos militares e observando as práticas relacionadas ao consumo de maconha. Essa imersão prolongada permitiu uma coleta de dados rica e detalhada, característica essencial de uma abordagem etnográfica. Através da observação participante, foi possível documentar não apenas os comportamentos observáveis, mas também os significados atribuídos pelos próprios militares ao consumo de maconha dentro do quartel.

Neste período em que esteve a serviço do Exército, o autor pôde observar o consumo de quatro substâncias, duas lícitas: cigarro e álcool; e duas de ilícitas: maconha e cocaína. Estas substâncias estão descritas na ordem de maior consumo “explanado³²” no dia a dia do interior do quartel.

Em relação ao consumo de cigarro: é a substância com mais adeptos (quando digo mais adeptos me refiro aos que consomem no interior do quartel). Em comparação com o álcool, tem mais militares que consomem bebida alcoólica do que militares que fumam cigarro, mas nem todos que bebem, bebem no quartel, diferente dos que fumam. Aliás, tem quem fume somente no quartel, como bem foi observado. Por ter um caráter lícito, é permitido o uso dentro do quartel, onde as únicas limitações são os locais fechados e durante os serviços, e ainda assim existem “desenrolos³³” para o consumo. Apesar de ter bastante material sobre o consumo de cigarro, optei por não dar destaque a esta substância.

Em relação ao álcool, a substância mais consumida no Brasil, segundo o II Relatório Brasileiro sobre Drogas, datado de 2021, não realizei uma pesquisa quantitativa para determinar quantos militares o consomem dentro do quartel. Uma das maneiras de observar este fato é durante confraternizações e eventos no interior do quartel, momentos nos quais a bebida alcoólica é liberada. Esta liberação tem suas características, digo, é uma liberação controlada: O militar tem que se portar entendendo que ainda está em um

³² Gíria que se refere a algo que é exposto ou de conhecimento da maioria.

³³ Prática de tentar convencer uma autoridade, seja para fazer vista grossa para uma situação ou para não puni-la, prática ocasionalmente observada em diferentes contextos e situações.

ambiente de trabalho. Apesar de várias problemáticas observadas, ainda não era o objeto que iria me debruçar para esta pesquisa.

Figura 13 - Festa no interior de um Quartel do Exército



Fonte: Autor desconhecido, captura de tela de reprodução do vídeo no *Instagram*, 2024.

Por fim, chego à maconha, a substância que observei diversas vezes o consumo. Conseguí observar, principalmente, as estratégias usadas para o uso no interior do quartel e as maneiras como os conflitos envolvendo a prática eram/são administrados.

Dentre essas substâncias, o autor nunca presenciou o uso da cocaína, apesar de encontrar, por vezes, alguns “pinos³⁴” e ouvir relatos de consumo por terceiros não praticantes. Por este motivo, não será o tema do trabalho, afinal, seria uma pesquisa investigativa. Desta forma, acarretaria possíveis problemas ao autor no âmbito militar.

³⁴ Embalagem cilíndrica utilizada para armazenar cocaína.

3.2. Relato sobre o primeiro contato com o Miliconheiro

Em uma noite fria de um dezembro quente no ano de 2016, era pouco mais de 03:00 da manhã, estava de pé, quase terminando meu último quarto de hora³⁵ em um dos meus primeiros serviços de guarda³⁶. O posto era o de garagem, que naquela época era desarmado (sem armamento letal). Nessa noite, eu pensava em alguns pontos estratégicos, que durante o dia imaginei como possíveis abrigos³⁷ caso houvesse uma invasão. Era colocado em nossas cabeças que a qualquer momento o quartel seria invadido. Por isso, me esgueirava entre as viaturas, lutando contra o medo, contra o sono, e principalmente, contra o Rodante³⁸. Enquanto dava voltas e mais voltas naquele perímetro, olhava para o relógio e parecia que estava sem bateria, pois a hora não passava. Às 04:00 eu seria rendido³⁹ e poderia dormir até pelo menos 05:00 da manhã (horário que o comandante da guarda iria dar a alvorada para a faxina). Eis que surge um vulto fardado passando de forma lenta e acenando para mim. Naquele momento, pensei que estava vendendo coisas, mas não, o vulto era real e irei chamá-lo neste trabalho de Soldado Mané Galinha. Ele veio na minha direção exclamando em voz baixa, quase como um sussurro, que na madrugada silenciosa soava como tiro de fuzil, a seguinte frase: “*coé recruta, pode ficar tranquilo, sou eu, o Mané Galinha! Tô indo ali fumar uma paradinha, mas pode ficar tranquilo que não vai dar nada para você e se eu rodar eu assumo sozinho*” (comunicação verbal). De repente, uma explosão na minha mente: e agora, o que eu faço? Naquele momento, pensei em várias coisas. Lembrei das instruções que diziam como deveria ser o procedimento correto, e em nenhuma das opções iria aparecer um Soldado maconheiro bem no meu quarto de hora. Pensei em informar ao superior imediato, mas senti um certo tipo de firmeza na fala do Soldado Mané Galinha. Algo me dizia para ignorar a situação, então acreditei que aquilo não era um teste. Enquanto eu ainda pensava no que fazer, ele volta, com seus belos dentes brancos que pareciam um farol acesso,

³⁵ Um serviço é dividido em 24h, para cada posto existem três militares que revezam entre si. Cada militar permanece em pé “na hora” (categoria nativa usada) por duas horas, um rodízio completo entre os militares dura 6h, 6h é ¼ de 24h, ou seja, o “quarto de hora” é parte que um militar vai cumprir deste rodízio.

³⁶ Guarda é o serviço aramado que protege o quartel, não entrarei em detalhes por questões de segurança.

³⁷ Local para se esconder

³⁸ Militar da guarnição de serviço responsável por fazer ronda inopinadas, verificando as condições de saúde e bem-estar do soldado que está no seu “quarto de hora”.

³⁹ Outro soldado iria assumir o meu local e eu iria descansar.

sorrindo e agradecendo a minha confiança. A hora passou, fui rendido e segui minha rotina ordinária.

Ao mesmo tempo que entendi a lógica conservadora do militarismo e aprendi as regras e leis do jogo, eu tinha um juízo de valor na época e não era contra o consumo de maconha. Esta situação me deixou perplexo, não pelo fato de pessoas fumarem maconha, ou até mesmo militares usarem maconha, mas por ser no interior do quartel. Foi este recorte que me deixou reflexivo por vários dias. Esse não foi o único contato que tive com militares usando maconha dentro do quartel, ou conflitos que tiveram seu estopim causados pelo uso ou posse da maconha no interior do quartel. Então, me questionei: se há regulamentos militares e uma crença compartilhada entre a sociedade civil e entre os próprios militares de que o uso de maconha por militares do Exército não deveria existir, por que existe? A resposta do porquê existe não será respondida neste trabalho. O intuito é demonstrar, através de elementos empíricos, que há um evento que ocorre com regularidade no ambiente estudado.

A regularidade observada em meu estudo foi constatada através da observação participante, uma metodologia consagrada por Bronislaw Malinowski em sua obra *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1978). Malinowski defende que, para se compreender profundamente uma cultura, é essencial que o pesquisador se insira diretamente no grupo estudado, participando de suas atividades cotidianas enquanto observa e coleta dados. Seguindo essa abordagem, que enfatiza a imersão total no local de pesquisa, utilizei minha experiência de oito anos de serviço no mesmo batalhão para adotar este método. Ao observar as dinâmicas internas, práticas comuns e os não ditos, como o consumo de maconha por militares, pude perceber que esses eventos não podem ser compreendidos de maneira isolada, mas devem ser analisados dentro do contexto social e cultural específico em que ocorrem. Essa perspectiva, alinhada com a abordagem de Malinowski, permite uma compreensão mais profunda das motivações e significados atribuídos a essas práticas dentro do grupo de militares que não consomem e os que consomem maconha, ou como irei denominar, Os Miliconheiros, categoria que será explorada ao longo dos próximos capítulos.

Uma das dificuldades que o autor encontrou neste processo foi a de estranhar o objeto, tendo em vista que algumas “observações⁴⁰” ocorreram em 2016, antes de iniciar a graduação em 2018 e esse trabalho começa a ser escrito em 2024. Os eventos continuaram acontecendo, independentemente do tempo. Não tem como pausar os acontecimentos que envolvem meu objeto de pesquisa, sendo assim, na medida em que desenvolvia meu entendimento acadêmico, eu também naturalizava cada vez mais o ato de fumar maconha dentro do quartel, ao ponto de o objeto não ser mais exótico. Desta forma, eu tive que fazer um esforço de relembrar como foi o estranhamento do início da carreira militar. Segundo Roberto Da Matta em "O Ofício do Etnólogo ou como Ter 'Anthropological Blues', “é necessário que o etnólogo transforme o que é exótico em algo familiar e o que é familiar em algo exótico”. Neste caso, transformarei algo familiar em algo exótico, pois minha percepção de observação, ainda que pequena, ocorre quando já estou familiarizado com o objeto.

3.3. Entrevistas

As entrevistas qualitativas complementaram a abordagem, oferecendo narrativas pessoais que enriqueceram a análise. Essas entrevistas permitiram explorar as percepções dos militares sobre o consumo de maconha, as técnicas utilizadas para minimizar os riscos e os desafios enfrentados no ambiente militar.

Um percalço encontrado foi o fato de que alguns dos meus interlocutores saíram do quartel (por motivos e em períodos diferentes) e, por isso, foi perdida a oportunidade de observar mais vezes o consumo e práticas através deles. Para preencher esta lacuna, averiguar os fatos e determinar sentimentos e opiniões de quem viveu por algum tempo a vida de um Miliconheiro, realizei a coleta de dados qualitativos através de entrevistas semiestruturadas, com cinco interlocutores.

O critério usado na escolha dos entrevistados foi a aproximação pessoal com eles e a ciência de que todos já foram Miliconheiros, ou seja, não precisei percorrer um caminho de dúvidas, incertezas e uma possível falsa acusação. Nenhum deles é militar da

⁴⁰ Uso o termo observações entre aspas, pois neste período ainda não era algo estruturado e proposital. Somente depois em 2018 quando inicio a graduação é que essas observações ocorrem de forma mais pragmática

ativa e as entrevistas ocorreram através do aplicativo de bate papo *Whatsapp*. A abordagem inicial não foi similar nos cinco casos.

Com dois deles (Cabo MD e Soldado sobrinho do capitão), o autor previamente teve uma conversa, informal, pessoalmente, e nesta conversa falou sobre o tema e demonstrou interesse em entrevistá-los. Nas duas circunstâncias, tiveram aprovação e ficou combinado de fazer de forma *online* em tempo oportuno, e assim se sucedeu, enviei uma mensagem no aplicativo perguntando quando poderíamos falar “sobre aquele assunto”. A ideia inicial era fazer por vídeo chamada uma entrevista aberta sobre o tema, porém não foi possível encontrar um dia que entrevistado e entrevistador estivessem disponíveis. Desta forma, um deles sugeriu que o autor enviasse as perguntas e ele respondesse por escrito, então, propus ao outro a mesma coisa e ele aceitou. Neste caso, foram enviadas perguntas estruturadas padronizadas, que apesar de serem “fechadas”, o entrevistado poderia, se quisesse, explorar mais os detalhes. Não foi o que ocorreu e ambos se limitaram a responder apenas o que estava escrito, o que serviu de aprendizado para futuras entrevistas. No desenrolar da conversa com o Soldado Sobrinho do capitão, fiz mais três perguntas, buscando mais detalhes sobre as respostas que ele havia dado anteriormente e ele respondeu de forma cômica perguntando se eu era da investigação social da polícia militar.

A abordagem dos outros três entrevistados foi totalmente *online*, ou seja, sem uma conversa prévia. Logo, tive cautela ao abordar pela primeira vez. Antes de falar sobre o tema, perguntei como estavam, se estavam podendo falar e que desejava entrevistá-los para um trabalho da faculdade cujo tema envovia o quartel e só depois que eles me responderam pela primeira vez, introduzi o verdadeiro tema. Após a aprovação dos entrevistados, enviei uma mensagem de áudio pedindo que eles contassem um pouco sobre suas experiências como Miliconheiros, de forma aberta. Neste caso, introduzi apenas alguns pontos e os entrevistados desenvolveram suas falas, contaram casos, técnicas, etc. O Soldado GB 14 respondeu prontamente, achou a categoria Miliconheiro interessante e, sem questionar se realmente o que eu estava fazendo era para a faculdade, me enviou algumas mensagens de áudio. Ele não apresentou nenhuma ressalva, apenas ocultou nomes de terceiros que faziam parte da sua história. O Soldado Mané Galinha apresentou receio no início da entrevista, e após eu apontar minhas perguntas, ele se

incomodou com o fato de eu ter pedido informações que envolviam outras pessoas. Ele, a princípio, duvidou que se tratava de um trabalho acadêmico que não tinha vínculo com o Exército, então tive a paciência e perseverança de explicar novamente. Esclareci que não tinha nada vinculado ao Exército, e depois disso, posso afirmar que este entrevistado foi o que mais contribuiu com informações. Soldado Mané Galinha falou coisas que eu não havia perguntado, o que me ajudou a estranhar algumas questões não observadas antes. Por fim, com o Soldado Felipe, a abordagem inicial foi similar as duas anteriores, porém, por motivos alheios a vontade do entrevistado e entrevistador, não foi possível fazer a entrevista de forma aberta e por videoconferência. Neste caso, utilizei as mesmas perguntas fechadas usadas com o Cabo MD e o Soldado Sobrinho do capitão, e de forma similar ao ocorrido na entrevista com o Soldado Sobrinho do capitão, fiz perguntas após a resposta dada por ele, e desta vez consegui obter êxito, o Soldado Felipe trabalhou mais as suas respostas.

Os trechos das entrevistas serão usados ao longo do trabalho.

Abaixo temos uma tabela com o nome dos entrevistados e as datas das entrevistas.

Entrevistado	Data da entrevista via <i>Whatsapp</i>
Soldado Mané Galinha	5 de julho de 2024
Soldado GB 14	3 de julho e 10 de agosto de 2024
Soldado Felipe	10 e 11 de agosto de 2024
Soldado Sobrinho do Capitão	10 de agosto de 2024
Cabo MD	14 de agosto de 2024

Para efeito desta monografia, o autor decidiu trabalhar apenas com dados qualitativos, pois a inclusão de dados quantitativos estaria diretamente ligada à sua exposição, o que poderia acarretar possíveis problemas com superiores hierárquicos. Da mesma forma, não foi possível acessar dados do setor jurídico, para, por exemplo, fazer um levantamento sobre as punições que envolveram o uso ou posse da maconha.

Quando o campo, as entrevistas e as observações não conseguem responder algumas questões, recorro às bibliografias. Nestas eu busco a fundamentação teórica necessária para consolidar ou comparar com o que o campo fala. As bibliografias trazem

informações disponibilizadas em manuais militares, Códigos Penais, artigos, livros e textos disponibilizados na internet.

O acesso à internet foi primordial para as consultas bibliográficas, através de sites como: Periódicos CAPES, google acadêmico, SciELO, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e Repositório de informação acessível da UFRN, além do google. Este texto não contém informações retiradas de todos os sites supracitados, mas essas fontes foram primordiais para pesquisar sobre o tema estudado e verificar se já existem trabalhos a respeito do que pretendo explorar. Todavia, não encontrei, exatamente, uma pesquisa voltada exclusivamente para o consumo de maconha por militares dentro do quartel. Porém, o não ter ou não encontrar com facilidade algumas informações, já é por si só uma informação de grande valia.

4. O “Miliconheiro” e sua trajetória

4.1. O “Miliconheiro”, como surge a categoria?

A categoria "Miliconheiro" é um neologismo que resulta da fusão das palavras "militar" e "maconheiro". Essa categoria foi pensada, pelo autor, para definir os militares que fazem uso da maconha dentro do quartel (podendo, em outro momento, se estender para além dos muros do quartel, situação que será pouco explorada neste trabalho). A combinação dos dois termos visa refletir uma “carreira desviante” (BECKER, 1973, p.38), que é observada na unidade militar estudada.

Embora "Miliconheiro" não seja uma categoria amplamente reconhecida ou utilizada, ela foi adotada devido à reação positiva dos interlocutores que pertencem e alguns que não pertencem⁴¹ ao grupo de militares que consomem maconha no interior de um quartel do Exército Brasileiro. Estes acharam a ideia interessante e identificaram-se com a nova denominação, o que justifica a sua inclusão e exploração como objeto deste trabalho.

Ao evocar a categoria “Maconheiro” iremos utilizar a mesma abordagem que o antropólogo Marcos Veríssimo utiliza em sua tese “Maconheiros, Fumóns e Growers: o

⁴¹ Trata-se militares que não consomem a maconha, mas fazem parte do círculo militar e tem conhecimento do uso por terceiros.

estudo comparativo do consumo e de cultivo caseiro de canábis no Rio de Janeiro e Buenos Aires” (2017).

O termo “maconheiro” (ou “xinxeiro”) [...], serão também utilizados aqui sob a condição de categorias nativas, a partir das quais os consumidores de maconha se reconhecem e se referem uns aos outros. Assim posto, não necessariamente correspondem às formas correntes e antigas de entender tais palavras em seus respectivos contextos, ou seja, como categorias de acusação, através das quais os que se declaram não adeptos deste consumo rotulam os adeptos: maconheiros[...]. (VERISSIMO, 2017, P.14)

Maconha será o termo utilizado no decorrer do trabalho. A escolha por essa categoria advém do fato de ser o termo mais utilizado pelos militares que interagem de alguma forma com essa monografia. Em alguns momentos da observação e entrevistas, também surgiram outros termos para nomear a maconha, como, por exemplo, “baseado”, que é a maconha já “enrolada⁴²” e pronta para o consumo. Houve outras poucas ocorrências das seguintes expressões: “a braba”, “paradinha” e ao seu nome científico, *Cannabis*, por esse motivo, usaremos a palavra Maconha.

Em relação ao ato de consumir a maconha, a categoria mais utilizada é “fumar”. Outros termos aparecem nas observações e entrevistas, como por exemplo, “dar um dois” e em menor frequência “dar uma aliviada”. Essas expressões, na maioria das vezes, vieram acompanhado de um convite ou um aviso do tipo: “vou ali (...)" ou “vamos ali (...)?”

Utilizar o Código Penal Militar (CPM/69) foi a forma que encontramos para definir a categoria “militar”. Ele diz, no artigo 22º que a pessoa considerada militar é:

Para efeito da aplicação deste Código, qualquer pessoa que, em tempo de paz ou de guerra, seja incorporada a instituições militares ou nelas matriculada, para servir em posto ou em graduação ou em regime de sujeição à disciplina militar.

⁴² O ato de “enrolar” ou “bolar” um cigarro de maconha refere-se ao processo manual de preparação do cigarro, em que a maconha é disposta sobre um papel específico, comumente de seda, que então é cuidadosamente moldado e enrolado. Esse procedimento é realizado com o intuito de formar um cilindro uniforme, facilitando a combustão e o consumo da substância.

Há uma diferença entre o militar da ativa e o militar da reserva. A classificação do que é o militar da ativa é sugestiva, trata-se do militar que ainda está atuando em alguma Força, seja qual for. Quando tratamos do militar da reserva, estamos falando do militar que se aposentou por tempo de serviço ou doença, também chamado de militar da reserva remunerada. Ainda, existe o indivíduo que faz parte da reserva não remunerada. Geralmente, são os que serviram através do serviço militar obrigatório. O segundo exemplo será o mais usado neste trabalho.

4.2. Quem são os Miliconheiros?

O Miliconheiro é o indivíduo que, enquanto militar da ativa do Exército Brasileiro, consumiu maconha no interior de um quartel. Essa prática configura crime militar, conforme o artigo 290 do Código Penal Militar: "Importar, exportar, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, fornecer, ter em depósito ou trazer consigo, para uso próprio ou de outrem, substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica" (BRASIL, 1969).

Por se tratar de um crime militar, nesta pesquisa, optou-se por não incluir informações e relatos de Oficiais, concentrando-se exclusivamente no grupo de praças, que inclui Recrutas, Soldados, Cabos e alguns Sargentos. Essa decisão foi motivada, em parte, pela maior familiaridade e acesso ao grupo de praças, mas, principalmente, pelo receio de sofrer represálias e possíveis punições, considerando a natureza sensível do tema.

A hierarquia militar, marcada por rígida estratificação, torna o diálogo sobre o uso de maconha especialmente delicado, sobretudo quando envolve oficiais, que ocupam posições de poder superiores e poderiam encarar as abordagens como uma grave ofensa à ética Militar. Durante a maior parte da elaboração deste trabalho, o autor ainda estava vinculado a instituição Exército Brasileiro, o que intensificou a dificuldade de abordar o tema com o grupo especificado.

O fato de o autor não abordar o consumo de maconha por oficiais não nega a existência dessa prática entre os membros desse grupo, prática essa que, inclusive, foi

presenciada por alguns dos entrevistados (praças), mas que por hora não serão desenvolvidas neste trabalho.

O autor entende que o diálogo com este grupo acrescentaria de forma significativa o conteúdo do trabalho. Todavia, Malinowski (1978) destaca que a inserção do pesquisador no campo é atravessada por dilemas éticos e estratégicos, exigindo adaptações para garantir sua segurança, continuação e a viabilidade da pesquisa. Nesse sentido, a não tentativa de entrevistar os oficiais sobre o consumo de maconha deve ser compreendida não como uma falta, mas como uma evidência das dinâmicas de controle e poder presentes em qualquer ambiente militar.

Em síntese, os Miliconheiros são Recrutas, Soldados, Cabos e alguns poucos Sargentos (recorte escolhido por ocasião deste trabalho), que são homens jovens, com idade entre 18 e 27 anos. No entanto, em relação a fatores como raça, situação econômica, local de residência e nível de escolaridade, as observações indicam que não há um padrão uniforme. O consumo de maconha surge como um ponto de convergência entre jovens provenientes de realidades sociais distintas. Esse fenômeno é reflexo da sistemática do Serviço Militar Obrigatório⁴³.

4.3. Como tornar-se um “Miliconheiro”?

O processo de tornar-se um Miliconheiro envolve uma trajetória que começa antes do ingresso no Exército e se desenvolve ao longo da vivência militar. A primeira questão a ser considerada é a relação do jovem com o consumo de maconha antes de sua incorporação às Forças Armadas. Alguns já consumiam a maconha antes de ingressar no quartel, conforme revela a fala de dois entrevistados:

Então, comecei fumar (maconha) a primeira vez que eu fumei tinha uns 15 pra 16 anos, saía com a rapaziada que já fumava e eu não fumava, até um dia eu bêbado, fumei, e desde então sempre que a gente saía, eu fumava também,

⁴³A partir das observações do autor podemos citar como exemplo, uma turma que une jovens que com o salário de recruta são provedores do lar e outros jovens que gastam todo o salário em uma noite de festa, jovens que dormiam no quartel, pois não tinham o que comer em casa e jovens que com dezoito anos já eram donos de concessionárias de carro. Além disso, foi possível observar o início de uma amizade entre jovens que moravam em locais próximos, mas com facções diferentes. Fatos que revelam disparidade entre as realidades dos militares que prestam o serviço militar obrigatório.

entendeu? Fumava mais com essa rapaziada mesmo, lá perto de casa. Soldado GB14 (entrevista cedida via Whatsapp)

Com 15 anos para 16 comecei a consumir, entrei no exército já havia 3 anos usando Cannabis. Soldado Felipe (entrevista cedida via Whatsapp)

Este é, para BECKER, (p.73) chamado de “usuário regular”, aquele que fuma maconha de forma sistemática há algum tempo, em geral diariamente.

Enquanto outros são introduzidos ao consumo durante sua experiência militar, como relatou o Cabo MD: “*Não consumia antes, por incrível que pareça, foi durante o período militar*” (trecho de entrevista feita pelo aplicativo *Whatsapp*). Nesta ocasião, o entrevistado não consome maconha pela primeira vez no interior do quartel, mas quando faz o uso da maconha pela primeira vez em sua vida, ele já era militar da ativa. Trata-se de um “usuário ocasional, cujo consumo é esporádico e depende de fatores fortuitos” (BECKER, p.73, 1973).

A partir da observação participante, verificaram-se alguns casos de militares que tiveram a primeira experiência com a maconha no interior do quartel, como foi o caso do Soldado PTJ, que fumou maconha no alojamento de recrutas durante um pernoite obrigatório⁴⁴, em decorrência de uma formatura de grande vulto que aconteceria no dia seguinte.

Dentro do grupo pesquisado, observou-se que a maior parte dos Miliconheiros já eram jovens que fumavam maconha e se tornaram militares, e uma menor porção era de jovens que se formaram militares e durante sua trajetória militar se tornaram miliconheiros.

Independentemente da trajetória anterior ao SMO, algumas questões são comuns aos Miliconheiros: **1.** A primeira vez que fuma maconha no interior do quartel; **2.** O ato de saber desfrutar a experiência e aproveitar os efeitos em um ambiente no qual essa atitude é reprovável, ou seja, aproveitar a onda em um ambiente “hostil”; **3.** Aprender as técnicas para fumar o baseado de maconha; **4.** Aprender com os mais experientes as

⁴⁴ Com intuito de que não haja atrasos ou faltas, é comum nos quartéis a aplicação do pernoite obrigatório, nessa ocasião todos os militares envolvidos na atividade têm um horário limite para chegar nas dependências do quartel e em seguida devem dormir, de maneira arbitrária, nesta dependência.

técnicas para camuflar o uso e os melhores locais para fumar maconha no interior do quartel com intuito de fugir das possíveis sanções.

Não necessariamente essas questões se desenvolvem cronologicamente da forma escrita acima. Isto é, o Miliconheiro, antes mesmo de fumar pela primeira vez, pode já conhecer os locais, saber apertar um baseado e saber camuflar o cheiro, pelo processo de imitação e repetição de um Miliconheiro experiente.

4.3.1. A primeira vez

Como observado em campo, para que o primeiro consumo de maconha no interior do quartel ocorra é necessária uma combinação de acontecimentos. Primeiramente, a maconha tem que estar disponível para o uso. Depois, deve haver ao menos um maconheiro regular que conheça as técnicas necessárias para apertar um baseado e fumá-lo. Além disso, deve existir, por parte do experimentador, uma inclinação para usar pela primeira vez⁴⁵. Por fim, tudo deve acontecer em um local seguro para o consumo. Há casos que a primeira experiência foi junto a um militar mais experiente⁴⁶, em outros a primeira vez foi sozinho, por este indivíduo ser o próprio maconheiro regular citado acima.

A experiência da primeira vez é parecida entre os entrevistados: tensão, adrenalina e medo são sentimentos que atingem o agora Miliconheiro. O receio provém das possíveis punições e repreensões que o militar sofrerá se for pego fumando maconha dentro do quartel. Estas emoções são descritas pelos entrevistados, como podemos observar nos trechos abaixo:

Confesso que senti medo na primeira vez que fumei na minha vida. Fumei quatro baseados como primeira experiência. Quando fumei pela primeira vez no quartel, também todas as vezes que fumei, senti medo. Mas fumei mesmo

⁴⁵ Essa inclinação ocorre por diversos fatores, não será discutido neste trabalho os motivos que levam ao consumo, porém de forma rasa observamos que a primeira vez ocorre em três ocasiões: embriaguez por bebida alcoólica; o experimentador sente-se influenciado pelo grupo e fuma a maconha e por fim por pura curiosidade. Estes pontos não foram explorados profundamente entre os entrevistados e observados.

⁴⁶ Neste caso o militar mais experiente, não necessariamente é um maconheiro mais experiente, mas sim alguém mais antigo, com mais tempo de serviço ou patente superior, que ao invés de sancionar estes Miliconheiros que estão cometendo um desvio, este o comete junto, o que serve como incentivo e proteção.

assim. Soldado sobrinho do Capitão (trecho de entrevista feita pelo aplicativo Whatsapp).

Por eu fumar há bastante tempo não era nada anormal, um pouco de adrenalina por estar em um ambiente que era de tensão, poderia acarretar problemas, mas felizmente não aconteceu. Soldado Felipe (trecho de entrevista feita pelo aplicativo Whatsapp).

Foi bastante tensa pois o receio de ser pego incomodava demais. Não consegui relaxar. Cabo MD (trecho de entrevista feita pelo aplicativo Whatsapp).

Um dos entrevistados, Soldado GB 14, descreve como ocorreu o passo a passo da primeira vez e como ela gradua para uma rotina de fumo. Na sua fala, o GB14, que já era um maconheiro regular, expõe que o estopim para o uso no interior do quartel foi conhecer outra pessoa que também já fumava maconha do lado de fora. Além disso, apresenta como entra com a substância no quartel, mostra conhecimento de um local seguro para o consumo e aponta a presença de um Miliconheiro mais antigo e mais experiente que o aconselha em relação ao uso no quartel.

*“E quando entrei pro quartel eu pensei que ia diminuir um pouco, né? Eu falei: caralho, mano, agora eu vou ficar tranquilo, que não sei o que, vou parar, entrei no quartel, Exército, né, a gente fica naquela... E daí quando você entra você vê que o Exército não é nada daquilo que você esperava. Cê entra numa turma com um monte de maconheiro *risadas*. E logo assim fiz amizade com um garoto ali perto de casa, por acaso ele morava perto da minha casa, mas a gente não se conhecia, né, porque a gente morava numa área que... eu morava numa área que era uma facção (comando vermelho) e ele numa outra (amigos dos amigos), então a gente não tinha contato, a gente não ia na área dos outros, por mais que a gente não fosse envolvido. E lá no quartel ele caiu na minha turma, e eu logo em seguida comprei um carro, e ele ia comigo direto, né, dando carona, inteirando no combustível e tudo mais, e aí a gente já ia fumando o dia todo, fiz. Na maioria das vezes eu chegava no quartel chapado. Ele até falou que ele fumava e tudo mais, aí eu falei que eu tava com um baseado no carro, que eu entrava de carro no quartel, né, e tudo mais, aí então às vezes deixava já no tênis, pra passar mais batido, mas a revista era rolha, passava o que quisesse. E lá dentro na seção a gente fumava sempre*

dentro do ônibus, engracado que os outros chamavam o ônibus de “maconhão”, porque o ônibus fumaçava muito no cano de descarga, né. Mas pra gente era outro sentido. Já me pegaram fumando. Tava eu e mais dois fumando. Sendo que o cara que viu a gente também fumava, né, então... Não deu em nada. Ele só deu conselho pra gente, né, pá, pra não ficar ali dentro do quartel, não dar esses moles..., mas não deu em nada”. Soldado GB14 (trecho de entrevista feita pelo aplicativo Whatsapp)

4.3.2. Aprendendo as técnicas de consumo: Curtindo a onda em meio ao clima tenso e a exploração de locais seguros.

Novamente, a experiência com o fumo da maconha anterior ao ingresso nas fileiras do Exército será um diferencial. Para os militares que já faziam uso de maconha antes de ingressar no Exército, o consumo já é familiar e o estranhamento acontece quando observa que é possível manter a rotina de consumo dentro de um ambiente militar, como uma espécie de brecha. Ao contrário disso, para o “usuário iniciante” o estranhamento está no fato de fumarem maconha, independentemente do local. Sendo assim, o tempo que se leva na transição entre uma experimentação tensa e amedrontadora para uma experiência prazerosa e relaxada, está vinculado a práticas anteriores ao SMO do usuário.

O fato observado direciona como será a carreira desviante deste Miliconheiro, já que aquele que consome pela primeira vez e não aprecia a onda, tende a fumar uma única vez no interior do quartel e não repetir a experimentação. De acordo com BECKER (1973, p.58), “Se nada acontece, é manifestamente impossível para o usuário desenvolver uma concepção da droga como um objeto que pode ser consumido por prazer, e, portanto, o uso não continuará”. Observa-se que a não continuação ocorre por alguns fatores: o indivíduo não supera o medo de ser pego e/ou não consegue aproveitar o efeito que a maconha proporciona, ou simplesmente não gosta do efeito. Admite-se que há questões morais e religiosas que podem impedir a continuação do uso, porém não são exploradas neste trabalho, tendo em vista que a maioria dos observados e entrevistados foram Miliconheiros plenos⁴⁷ durante a prestação de serviço à pátria.

⁴⁷ Foram analisados dois casos em que o então Miliconheiro, ao encerrar seu serviço militar, converteu-se ao cristianismo e abandonou o consumo de maconha, alguns cessavam o consumo pois pretendiam fazer

Com a iniciação de uma rotina de fumo, o Miliconheiro passa a se tornar mais resistente aos sentimentos de medo e tensão, ou atento para evitar as possíveis formas de ser pego, ou “plotado”⁴⁸. Desta maneira, ele torna o ato de fumar maconha uma experiência prazerosa. Em alguns casos, beneficia-se dos efeitos causados para fugir da realidade que o ambiente militar proporciona, como é descrito pelo Soldado Mané Galinha em um trecho da entrevista cedida via *Whatsapp*.

Ah sim mano, poxa, eu das vezes que eu fumava, eu sempre fui muito cuidadoso, entendeu? Porque como eu já sabia que eu tava num lugar que não, porra, nem podia pensar numa coisa daquela ali. Mas, cara, pra mim a maconha lá já me aliviou de muito estresse, de muitos problemas, de até de saber lidar com situações ali, entendeu? Tinha vez em que a gente não tinha uma válvula de escape e tinha muita gente ali que, porra, ia pra casa tranquilão, poxa, eu já passei um sufoco, já fiquei seis meses de laranjeira, tá ligado? Você imagina, mano, era praticamente uma prisão. Então, porra, não tinha como eu levar uma coisa que não me relaxava, então às vezes eu pegava e fumava um baseado assim, entendeu? Por causa do dia a dia era serviço, era missão, correria, entendeu? Não to dizendo que aquilo ali era demais pra mim, o que acabava comigo era o cotidiano que os próprios militares colocavam ali pra gente. Tipo assim, porra, às vezes a gente ia numa faxina fazendo aquilo tudo ali pra os caras pegava a gente, porra, churrascava⁴⁹ a gente no serviço, porra, às vezes mandava fazer faxina desnecessário, mandava a gente cumprir ordem que não tinha necessidade e, porra, você imagina, a gente que veio de comunidade, a gente trabalhava em um lugar que porra tinha armamento, tinha entendeu, porra, munição de fácil acesso, todo mundo andava municiado, às vezes os caras não sabiam a mente dos outros e os caras acabavam com nossa carreira lá, mas tipo assim, cara, se vocês fossem dentro do padrão tentando formar um homem militar, é uma coisa, às vezes eles queriam meter como se fossem tipo escravidão, tá ligado? Os caras tinham que falar, você não podia argumentar, se você argumentar, você ia

algum concurso que fazia o exame toxicológico ou tirar a habilitação categoria “D” que também é obrigado a fazer o exame toxicológico.

⁴⁸ Categoria nativa que define o ato de ser pego no flagra.

⁴⁹ Gíria para definir uma cobrança exacerbada

tomar o FATD⁵⁰, podia ser preso, já forjaram coisa pra mim, entendeu? Então em vez de eu querer chutar o balde igual muitos desertaram e o caramba, a minha válvula de escape era baseado, mano. Soldado Mané Galinha (entrevista cedida via Whatsapp)

Nesse caso, a relação com a maconha tende a ser mais fácil, tendo em vista que o Soldado já conhece os efeitos da droga e vai apenas aprimorá-los. Esse fato colabora em alguns pontos.

O Miliconheiro com experiência já conhece seu próprio organismo e sabe o momento em que os efeitos estão o deixando “chapado”. É nesse instante que ele cessa o consumo, para que consiga continuar com suas tarefas rotineiras, fato observado na fala do Soldado Mané Galinha.

Então, porra, ah não, porque maconha é uma droga, se você olhar é uma planta, e uma planta, é natural, você tá fumando bagulho natural que não tem química nenhuma, não tem nada aquilo ali, então, imagine se fosse uma planta lá e você, ‘ah, mas aí o cara fica grog,’ aí vai depender da pessoa, eu particularmente nunca fiquei grog não, mano, sempre fiquei de boa, então, pra mim não fazia muita diferença não, mas era aquilo, sempre com cautela, nunca fui de fumar muito pra poder não ficar também com cheiro, porque a gente passava, porra, vira e mexe, a gente tava passando pelos oficiais e o caramba, então a gente tinha que se moldar; né, passar aquele creme, bá, o caralho, então, tipo assim, tudo é saber andar na risca, mas ali eu fumei muito, mano, fumei muito e nunca me prejudicou não, pelo contrário. (relato enviando por mensagem de áudio via Whatsapp)

Outra vantagem que a experiência traz é a sabedoria de disfarçar os efeitos dos pós fumo, o que foi relatado nas entrevistas. Quando perguntado o que fazia para disfarçar o uso, o Soldado Felipe respondeu da seguinte forma:

⁵⁰ Formulário de Apuração de Transgressão Disciplinar: é uma criação do Regulamento Disciplinar do Exército, que garante ao suposto transgressor o direito de apresentar sua defesa por escrito, podendo produzir provas, arrolar testemunhas e anexar documentos.

Geralmente depois de usar tomava um banho, escovava os dentes, já era o suficiente ou perfume. Como eu falei, fumo a muito tempo, então não aparecia muito no meu semblante. (relato enviando por mensagem via Whatsapp)

Já para aqueles que começam a fumar dentro do ambiente militar, o consumo de maconha se insere em um contexto de adaptação, no qual o quartel e a cultura militar influenciam diretamente a forma como se desfruta dos efeitos e a percepção sobre o ato.

Novamente, recorremos ao exemplo do Soldado PTJ, que fumou maconha pela primeira vez dentro do quartel, ele diz não se lembrar de nada e sua experiência é até hoje (oito anos depois), motivo de brincadeiras no grupo de *Whatsapp* da turma. Os Miliconheiros regulares, por já conhecerem os efeitos, perceberam com mais facilidade a mudança do semblante e atitudes do Soldado PTJ, enquanto ele não percebia. Um exemplo parecido é abordado no texto de Howard BECKER (2019, p.59).

Mesmo depois de aprender a técnica adequada de fumar, o novo usuário pode não ter um barato e não formar uma concepção da droga como algo que pode ser usado por prazer. Um comentário feito por um usuário sugeriu a razão dessa dificuldade para ter um barato e indicou o passo seguinte no caminho que leva alguém a se tornar usuário. ‘Na verdade, vi um cara que estava no maior barato e não sabia disso. Bom, é muito estranho, eu reconheço, mas eu vi. O sujeito [...] afirmava que nunca tinha ficado no barato [...] e ele ficou completamente doidão. E continuava insistindo que não estava no barato’.

O próximo passo da carreira do Miliconheiro iniciante é aprender a apertar seu próprio baseado de maconha. Após o novo aprendizado, o Miliconheiro iniciante conquista sua independência, ou seja, ele tem a capacidade de adquirir sua própria maconha, apertar seu próprio baseado e, consequentemente, o poder de decisão de fumar sozinho ou com outro Miliconheiro. Inclusive, este outro Miliconheiro pode ser ainda mais inexperiente que ele.

Além disso, podemos observar que há um desenvolvimento de novas formas de consumo para além do baseado de maconha tradicional, geralmente por Miliconheiros

experientes. O Soldado Mané Galinha relata uma ocasião em que outro Soldado desenvolveu uma ferramenta que possibilitava o consumo da maconha por vaporização:

Lembrei de um aqui também... tu dá pra botar aí mano, tinha um parceiro meu mano, que ele ficou preso tá ligado, aí ele falou assim: "caraca mano, eu tava tanto tempo aqui sem fumar, vou sair de punição, já vou entrar de serviço, pô tô de cara", aí eu tinha arrumado um baseado pra ele lá tá ligado, aí ele falou assim: "cara como é que eu vou fazer?", ele foi e fez tipo um boing mano, de garrafa dentro do quartel tá ligado, e botou o nome de "fumora", que ele fumava na hora, que ele, quando ele tava de plantão né, de madrugada, aí todo mundo ia dormir né, aí ele tipo assim acendia o troço, botava dentro da garrafa, sendo que a fumaça só saía pra dentro dele e não tipo assim ficava saindo por fora, ele puxava ali e assoprava pra dentro da garrafa de novo, e fumava e soltava ali, fumava e soltava pra dentro da garrafa, como ele fez aquilo eu não sei mano, mas eu lembro que ele fez, caralho eu ria muito, mas eu fui pegar uma vez pra fumar aquela porra caralho, pior que o troço funcionava né, eu não sei o que que ele fez lá, porque o boing tipo assim né, a fumaça fica ali dentro, mas você traga, você tem que soltar a fumaça pra algum lugar, como é que a fumaça retornava pra dentro da garrafa de novo? Caralho mó doideira mano. Soldado Mané Galinha (entrevista cedida via Whatsapp)

4.3.2.1. Locais

Durante as observações e entrevistas, notou-se a indicação de locais para o fumo da maconha no interior do quartel. Estes locais foram citados mais de uma vez por pessoas diferentes, o que revela uma rede de comunicação entre os Miliconheiros que perdura por gerações. A rede funciona de forma oral, de maneira que o Miliconheiro experiente transmite a informação para o novato e assim sucessivamente.

Um destes locais comuns é a caixa d'água do quartel, localizada no meio da área de preservação ambiental e destacada do restante do quartel, além de contar com uma vista privilegiada de quem se aproxima. Desta forma, o Miliconheiro cessa o consumo antes de ser pego.

O autor, enquanto militar exercendo a função de Condutor turístico do parque histórico do Quartel, passou por um dilema envolvendo um Miliconheiro e um Coronel

da reserva e sua esposa. Na visitação a pé, existe um trecho próximo desta caixa d'água. Naquele dia, perto de terminar a visitação, o autor sentiu o forte cheiro da causado pela queima do baseado. Ele fingiu que não estava acontecendo nada, porém a esposa do Coronel exclamou: “*Amor, isso é cheiro de maconha!*”. O Coronel, que até então não tinha percebido, interpelou e perguntou de onde estava vindo aquele cheiro e quem estava fumando. O autor logo correu para o meio do mato, seguindo uma direção contrária à da caixa d'água, para não entregar a posição do Miliconheiro e retornou sem respostas. Indignado com a situação, o Coronel seguiu seu caminho, porém ordenou que o Soldado (autor) procurasse o maconheiro e o entregasse. Apesar de saber exatamente quem era o Miliconheiro, o autor manteve sua posição em não o entregar, e, por fim, o Coronel foi para casa e a história se findou. Tratava-se de um Miliconheiro experiente e regular, um dos mais conhecidos entre o grupo desviante.

Figura 14 - Baseado de maconha sendo fumado no interior do quartel.



Fonte: Imagens do autor, 2018.

Embora existam locais “comuns”, como a caixa d’água citada acima, ou o ônibus apelidado de “maconhão”, citado anteriormente no relato do Soldado GB14, foram observados outros locais escolhidos para o consumo, relatados nas entrevistas abaixo.

*“Então, eu não sei se falando da praia, já descreve muito sobre o quartel, né?
Apesar que tem outros quartéis que tem praia. E não falei de que eu fumava
na época dentro de algumas seções, né?”*

“Geralmente ao ar livre pois o cheiro dispersava.”

*[...] Mano, tinha que ver, antigamente eu fumava ali, mano, de malucão,
passava de noite, no serviço, fumava naquela estrada que nós fazia corrida aí,
na PTC (pista de treinamento em circuito), em frente à praia, tá ligado, eu
rodava a porra toda, mas eu tipo assim, não tinha aquela maldade de que
alguém podia chegar e me plotar, desde o dia que o tenente chegou, filho. Aí
eu comecei a fazer o que, “não... agora eu vou ficar mais na infra”. Então
depois que eu entrei pra divisão, filho, o pico era meu setor”.*

Além dos relatos das entrevistas, as observações em campo também mostram uma preferência dos Miliconheiros por optarem por ambientes abertos com circulação de ar, para espalhar o cheiro. Um deles é a praia que banha o quartel. Há também relatos de consumo no fumódromo, local destinado para o consumo de cigarro convencional. Por ser um local muito visado, os Miliconheiros usam estrategicamente, tendo em vista que os outros militares julgariam impossível que alguém consuma maconha neste local óbvio. Isto pois, no senso comum, o usuário de maconha vai optar por locais escondidos.

Figura 15 - Ponto de vista do fumódromo



Fonte: Imagens do autor, 2024.

Pensando na segurança do quartel, o autor optou por não adicionar imagens dos outros locais citados, tampouco detalhar minuciosamente esses espaços. Ainda sobre as observações realizadas em campo, durante seu tempo de serviço, o autor identificou outros pontos de encontro para o consumo de maconha, como os telhados dos alojamentos e o interior da Guarda.

O consumo no interior da Guarda foi observado apenas uma vez. Trata-se de um local fechado e ocupado exclusivamente por militares em serviço e qualquer flagrante poderia resultar em prisão imediata. Esse fator torna o interior da Guarda o local mais arriscado observado durante a realização deste trabalho, evidenciando a alta exposição dos Miliconheiros que fumam maconha nesse espaço.

Os telhados eram escolhidos por serem de difícil acesso, oferecendo uma vantagem estratégica para vigiar a aproximação de outras pessoas. Além disso, eram também utilizados por militares que desejavam dormir durante o expediente. Essa escolha permitia justificar a presença no local de forma plausível caso fossem surpreendidos, pois alegar que estavam descansando implicava em uma punição mais branda do que ser pego portando ou consumindo maconha. Assim, a escolha por estes locais é uma estratégia para mitigar os riscos associados ao consumo da maconha.

4.3.3. O produto

Em relação ao tipo (qualidade) e formas de obtenção da maconha consumida no interior do quartel, dividiremos em dois tipos e duas origens.

O primeiro tipo é o “prensado”, geralmente obtido nas chamadas bocas de fumo⁵¹. Foi observado que esse é o tipo de maconha mais consumido no interior do quartel, primordialmente pelo preço mais barato.

Nas cidades do Sul e do Sudeste do Brasil, prevalece nesse mercado o chamado “prensado”, canabis colhida em latifúndios paraguaios e colocada numa prensa para depois seguir na forma de pedra para os mercados brasileiro, argentino e uruguai. Não raro, o maconheiro fica temporariamente sem o produto, a maconha, ou de posse de um produto de qualidade duvidosa. “Malhada”,

⁵¹ Categoria nativa usada pelos usuários para definir o local onde é comprada a maconha.

“palha”, “velha”, “mofada”, algumas com muita amônia, além de outros tipos de impurezas (tais como inseticidas usados na plantação), muitas vezes colhida há mais de um ano e mantidas por força de reagentes químicos (VERÍSSIMO, P.277, 2016).

Dividindo o mesmo espaço, nos deparamos com o tipo de maconha que irei nomear de “flor”. A flor é uma maconha de melhor qualidade que foi colhida sem ser exposta a impurezas, ao contrário do prensado, e ocasionalmente, são oriundas de cultivo doméstico. Apesar de ser encontrada nas bocas de fumo, majoritariamente o acesso a esse tipo de maconha ocorre nos moldes das dinâmicas⁵² apresentadas na dissertação da pesquisadora Carolina Grillo⁵³ (2008), neste caso ocorre o tráfico de “pista” onde não há a presença armas como mecanismos de persuasão e controle, ainda, há a presença de um personagem que faz esse “adianto” entre o fornecedor e o usuário final. Geralmente, a maconha que advém dessa fonte é consumida por militares pertencentes a classes mais privilegiadas. Porém, isso não impede que seja consumida por militares de outras realidades econômicas, da mesma forma que militares de classes mais abastadas também podem consumir o prensado, tendo em vista que o consumo pode acontecer de forma coletiva, com maconha de diversas fontes.

Foi observado pelo autor, apenas duas vezes, a situação de revenda da maconha. Em uma das ocasiões, um militar pertencente à classe média revendeu a maconha de melhor qualidade para outro militar. Na outra, um militar proveniente de classe mais baixa revendeu o prensado para um Miliconheiro iniciante que tinha medo de ir à boca de fumo. Não foi possível observar os valores em reais cobrados pelos revendedores e não se sabe ao certo se houve a troca envolveu dinheiro.

⁵² No caso apresentado, me refiro a forma como é acessada esse tipo de maconha, entendo que o texto citado se refere a própria maconha prensada que poderia ser comprada nas bocas de fumos e revendidas entre os jovens de classes médias e alta.

⁵³ Dissertação da Pesquisadora Carolina Grillo, intitulada “Fazendo um doze na pista: um estudo de caso do mercado ilegal de drogas na classe média”, defendida em 2008 na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

4.4. Os Miliconheiros e suas próprias percepções em relação ao consumo de maconha no interior do quartel

Ao investigar as percepções dos *Miliconheiros* sobre o consumo de maconha dentro do quartel, percebe-se similaridade nas respostas dos informantes. No geral, o ato de fumar maconha é visto de maneira pragmática. O uso da maconha não é encarado como uma atividade de rebeldia ou subversão⁵⁴, mas sim como uma forma de lidar com as pressões e tensões do cotidiano militar.

Quando questionado sobre o impacto do consumo em suas tarefas diárias, o Soldado Felipe respondeu da seguinte forma:

Geralmente usava em momentos que sabia que ia descansar, utilizava, mas como algo relaxante então não ocorria de estar usando em momentos que tinha alguma atividade ou missão. grosso modo não ajudava nem atrapalhava.
(entrevista cedida via *Whatsapp* data...)

Já o Cabo MD respondeu assim:

Ajudava a relaxar. Eu não me sentia pressionado, logo, desempenhava bem.
(entrevista cedida via *Whatsapp*)

De forma parecida respondeu o Soldado sobrinho do Capitão:

O consumo não atrapalhava o meu trabalho no quartel. (entrevista cedida via *Whatsapp*)

O Soldado Mané galinha descreve bem a relação dele com a maconha e o trabalho, ao mesmo tempo que revela certa frequência no consumo diário, que será abordado a seguir.

⁵⁴ Entendo que “subversão” é uma categoria política, e mais que cometer um ato infrator, está relacionado ao posicionamento político do agente que o faz, nas observações (através das redes sociais dos entrevistados) é perceptível que mesmo cometendo esse ato, os atores, se posicionam politicamente a favor de personagens que abominam o consumo de maconha e qualquer hipótese.

Então muitas das vezes, porra, igual você via lá como eu trabalhava, porra, eu fumava baseado, mano, eu corria, nunca fiquei pra trás em TAF⁵⁵, entendeu? Fazia meus trabalhos certinho, cumpria meu expediente, tirava meu serviço, conhecia todo mundo, ia pra missões externas, tanto interna, fazia tudo [...] Mano só tenho o que falar, nunca me atrapalhou em nada, sempre trabalhei tranquilo, fumando brabo. Se falar também, fí, tá me dizendo nada não, tinha nego que sabia que eu fumava aí, mas nunca deixei a peteca cair, sempre tava como, fazendo meu papel. Sai do quartel tranquilo, não sai com pobrema, graças a Deus tô aí na ativa, mas é engracado, mano, po uma pesquisa da faculdade sobre miliconheiro, caralho. (entrevista cedida via Whatsapp)

Além das respostas obtidas nas entrevistas, as observações também apontam para a afirmação de que o uso de maconha não afeta o desempenho dos militares nas atividades, porque conseguem cumprir suas obrigações com eficiência, sem que o consumo interfira diretamente no trabalho. Além disso, para outros, há uma percepção de que o uso, especialmente em momentos de estresse, pode proporcionar um alívio temporário, permitindo uma sensação de relaxamento que facilita o enfrentamento das exigências da rotina.

Em relação à frequência do consumo da maconha, as respostas das entrevistas não seguem um padrão. Algumas revelam o uso diário e outras o uso esporádico, alguns optam por consumir no caminho para chegar no quartel, e outros dentro do quartel, por exemplo. Da mesma forma podemos observar essa dissonância nos casos observados *in loco*: há casos de Miliconheiros que fumavam quase todos os dias, alguns só fumavam por ocasião de serviços ou pernoites obrigatórios e alguns quando lhes era conveniente. Abaixo apresentamos algumas das respostas cedidas na entrevistas.

O Soldado GB 14 relata o seguinte:

A gente já ia fumando o dia todo, fí. Na maioria das vezes eu chegava no quartel chapado”. [...] Eu já ia fumando, né. Lá dentro eu evitava um pouco. Claro que tinha hora que a gente fumava mermo, fumava dentro do ônibus, subia lá pra caixa d’água pra fumar, mas... dentro do quartel eu evitava, até porque quando a gente saia que eu já ia pra casa, aí sim eu fumava mais

⁵⁵ Teste de Aptidão física

tranquilo dentro do carro, não ficava naquela pressão de alguém querer ver, sentir cheiro. (entrevista cedida via *Whatsapp*)

Quando perguntado sobre a frequência do consumo o Soldado Sobrinho do Capitão respondeu da seguinte forma:

Começou esporadicamente, depois foi aumentando a frequência. (entrevista cedida via *Whatsapp*)

A fala acima revela que inicialmente o Soldado Sobrinho do Capitão havia medo e receio de ser pego, mas quando adquiriu experiência na tarefa aumentou a frequência do uso, situação comumente observada *in loco*. É necessário fazer um adendo, o Soldado Sobrinho do Capitão ficou apenas três anos na corporação e pode-se afirmar que ele saiu no ápice do consumo, quando o Miliconheiro já tem as técnicas citadas anteriormente, porém ainda não tem uma visão estabelecida sobre sua carreira e não considera as possíveis problemáticas que pode enfrentar. Em relação aos militares que permaneceram por mais tempo, é comum observar que há um cuidado maior com a breve carreira, mesmo que não cesse o consumo, há uma redução no uso e o principal motivo é a preocupação com o trabalho⁵⁶. Nas falas do Cabo MD e Sd Felipe é possível observar isso.

Bem pouca, não gostaria de comprometer meu trabalho tendo em vista que usar não me atrapalhava nas minhas atividades. Eu sabia dos riscos, logo, preferi evitar diversas vezes (entrevista cedida via *Whatsapp*).

Poucas vezes. (entrevista cedida via *Whatsapp*).

Foi feita uma pergunta aos Miliconheiros que já faziam o uso da maconha antes de incorporar ao Exército sobre o aumento ou diminuição no período em que esteve em SMO e as respostas que o Sd Felipe e o Sd GB14 deram foram as seguintes:

⁵⁶ Nota-se que o militar mais experiente tende a valorizar o seu emprego por ter que honrar seus compromissos financeiros, que geralmente não são feitos nos primeiros anos de incorporação.

Era bem relativo por conta dos plantões 24 horas e missões, tinhos mês que consumia uma quantidade considerável, mas em outros nem dava tempo a rotina militar e bem aleatória. (entrevista cedida via *Whatsapp*).

Durante minha passagem no quartel? aumentou. Muitas amizades que também usava, também fumava. Hoje mesmo já fumei um, Kaynan. (entrevista cedida via *Whatsapp*).

Em relação a esse tópico não é possível afirmar, através somente da observação participante se há um aumento ou diminuição do uso da maconha durante o período em que o jovem está em SMO. Como não foram feitas pesquisas quantitativas, essa lacuna permanecerá em aberto.

A questão da visibilidade do consumo é crucial para os Miliconheiros. Embora a prática seja, em alguns casos, conhecida entre outros militares, ela precisa ser mantida oculta dos superiores para evitar punições ou questionamentos sobre sua competência. Miliconheiros mais experientes relatam que, apesar de seu consumo, seus superiores continuam a confiar em seu trabalho, possivelmente devido ao bom desempenho demonstrado em outras atividades ou à percepção de que o consumo não afeta diretamente suas responsabilidades. Ainda assim, a necessidade de esconder esse hábito é constante.

Nas entrevistas, os relatos de Miliconheiros que foram pegos em situações de consumo revelam uma gama de reações. Alguns falam sobre o temor de represálias imediatas, mas destacam que, devido ao seu desempenho anterior, algumas vezes são "perdoados" ou têm as consequências minimizadas. Outros mencionam que, quando pegos, a situação é tratada de forma quase rotineira, como se o consumo fosse apenas mais uma transgressão leve dentro do contexto de um ambiente disciplinado, e não necessariamente um ato que comprometa sua imagem de forma irreparável. Como podemos ver nas falas do Soldado Felipe, Soldado Gb14 e Soldado mané galinha:

Já fui plotado sim, por um Cabo da minha bateria, mas eu já tinha um bom tempo de quartel e era bastante conhecido, nunca fui um militar alterado, sempre respeitei a todos cumpría minhas missões, então pedi ao Cabo que não levasse essa situação para os superiores, e mesmo ele sendo contra o uso de Cannabis, eu expliquei meus motivos o que se passava na minha vida na época estava com uma situação financeira em casa ruim e eu era a única renda em

casa e se ele relatasse ao superior com certeza eu seria preso e depois não renovariam meu contrato, então o próprio tirou as conclusões sobre todo o tempo de serviço que havia trabalhado comigo e não levou ao superior, e sou muito grato a ele por ter sido humano antes de militar e hoje concluir meus 8 anos e sair de cabeça erguida. Isso não seria possível sem essa atitude de camaradagem. Soldado Felipe (entrevista cedida via Whatsapp).

Já me pegaram fumando, sim. Tava eu e mais dois fumando. Sendo que o cara que viu a gente também fumava, né, então, não deu em nada, ele só deu conselho pra gente, né, pá, pra não ficar ali dentro do quartel, não dar esses mole, mas não deu em nada. Soldado GB14 (entrevista cedida via Whatsapp). você tem que dar o exemplo pra ser respeitado, eu dei o exemplo pra ser respeitado por muita gente fumando, pô, entendeu, mesmo que eu fumava, muita gente me respeitava ali, teve uma vez que eu já fui pego no quarto de hora fumando, do Cabo me plotar e perguntar assim, qual é Mané galinha, tá fumando aí, mano, que ele já sabia que eu fumava, eu falei, pô, to mano, qual é, mano, o cheiro tá vindo aqui embaixo, pá, foi erro do cara? Sim, ao visto de muita gente fala assim, pô, era pra ele ter plotado, ter prendido, era pra ser, ele foi coerente com a atitude dele, mas, olha só, ele me falou em gerar um problema maior, porque ele também tinha essa visão do que, que aquilo ali não podia me prejudicar, mas podia me prejudicar no trabalho, o que que eu fiz? Fui lá, apaguei, pum, acabou, morreu o assunto, o serviço continuou, vida que segue, acabou, mas infelizmente não é assim, tem muita gente que enxerga a maconha como se fosse um bagulho que vai mudar a cabeça da pessoa, opiniões sobre aquilo ali, e não é, pô, hoje em dia tem muita gente que conhece a maconha e fala assim, po, eu achava totalmente diferente, mas hoje em dia é aquilo, cara, cada um usa o que quer, ninguém oferece a pessoa, quando passou dos 18, já tem livre arbítrio pra fazer o que quiser, então, filho, no quartel, acho que também não deveria ter essa hipocrisia de ficar, ah, que sei o quê, maconha, o caralho, não, mano, pelo meu ponto de vista, eu falo assim, pô, cara, cigarro, cigarro essa porra mata mais do que maconha, mano, e nego vendia lá dentro, [...] teve um que parou comigo no fumódromo, de noite, e eu crente que não tinha ninguém até... o caralho, o cara veio do nada, só vi o vulto, tinha acabado de tragar, viado. Coé, quando eu olhei pro lado, o tenente do meu lado. Mano, não tinha o que fazer, viado. Eu fui, soltei a fumaça, o vento da praia jogou tudo na cara dele. Aí ele virou pra mim e falou assim: “é... meu filho também gosta disso daí”. Aí eu, mano, caralho, sabia nem o que falar, viado. Falei: “é, tenente?” Falei: “pô, vou mentir pro senhor não,

caralho aí, viajei aqui né, pô, fumando o bagulho aqui, o senhor, po, ah, o senhor sabe o que pode fazer né". Aí ele: "não, pode ficar tranquilo, vou fazer nada contigo não. Só vou falar pra você pra você tomar cuidado que imagina se é outro. Meu filho fuma isso daí, eu também não vou ser hipócrita de te cobrar um negócio, até porque, meu filho não mata, não rouba, não cheira". Aí ele falou assim: "você mata? Você rouba?", falei: "não". Aí ele: "ai, tá aqui, olhando pra praia... ". Mano, assim mermo. Fui, apaguei, bá, o caralho, falei porra, agora... Mano, tinha que ver, antigamente eu fumava ali, mano, de malucão, passava de noite, no serviço, fumava naquela estrada que nós fazia corrida aí, na PTC, em frente à praia, tá ligado, eu rodava a porra toda, mas eu tipo assim, não tinha aquela maldade de que alguém podia chegar e me plotar; desde o dia que o tenente chegou, filho. Aí eu comecei a fazer o que, "não... agora eu vou ficar mais na infra. Soldado Mané Galinha (entrevista cedida via Whatsapp).

Essas percepções revelam uma complexa interação entre a necessidade de manter uma imagem de competência e a dificuldade de conciliar o consumo de uma substância ilegal com as exigências da disciplina militar. O medo de ser descoberto, junto com a confiança adquirida por meio do bom desempenho e sua antiguidade⁵⁷ no quartel, cria um equilíbrio delicado para esses militares, que precisam navegar entre o cumprimento das suas funções e o risco de ver seu comportamento exposto, comprometendo sua posição dentro da instituição.

Esse equilíbrio não é observado em militares mais novos ou recrutas, tendo em vista que estes ainda não criaram laços de confiança suficientes para que um crime militar seja relevado ou tratado de forma leniente. Como podemos observar na fala do Soldado Sobrinho do capitão, que revela que houve tentativas de prejudicar os militares envolvidos:

Fui plotado com um colega de turma saindo do local que havíamos acabado de fumar. Porém, não havia mais flagrante. O responsável pelo alojamento o qual nós estávamos tentou nos prejudicar, mas se não há flagrante, o auto do

⁵⁷ Antiguidade é o tempo de serviço que este militar está prestando, nota-se que quanto mais antigo, mais lenientes são as represálias, digo leniente, pois há "desenrolos" informais que assim os tornam.

inquérito não tem efeito. Então, não recebemos nenhum tipo de represália.
(entrevista cedida via Whatsapp)

Além desta fala, a observação participante revela outros casos no quais o Soldado novato foi pego com maconha e não conseguiu o mesmo êxito em *desenrolar* com o mais antigo presente. Essa questão é corriqueira e acontece pelo menos uma vez em cada turma.

Relataremos a seguir um caso de um Cabo que foi pego fumando maconha, não sofreu sanções naquele momento, porém este fato foi utilizado por superiores para minimizar um caso de assédio.

O militar em questão, que era antigo e possuía um bom histórico de trabalho, foi flagrado consumindo maconha dentro do quartel. Apesar da infração, o Cabo não foi punido, em virtude de sua trajetória dentro da instituição e pelo reconhecimento de seu bom desempenho em funções anteriores.

Em outro episódio, esse mesmo Cabo foi vítima de assédio por parte de um superior. Quando ele tentou denunciar o ocorrido, sua fala foi minimizada pelos superiores, que desconsideraram sua denúncia. O assediador, por sua vez, usou o incidente envolvendo o consumo de maconha para desacreditar a versão do Cabo, diminuindo a gravidade do relato e afetando a credibilidade da vítima.

Este conjunto de situações culminou em um surto de estresse no Cabo, que, diante da negligência às suas queixas e da falta de apoio, decidiu desertar do exército e nunca mais retornar à unidade. Em contraste, o superior envolvido no assédio se aposentou por tempo de serviço e os demais superiores que ignoraram o caso, mantiveram suas posições dentro da hierarquia militar.

O caso revela que nenhum Miliconheiro, independentemente da sua trajetória, está a salvo das diversas formas de punições e represálias, e que nem sempre essa punição será de maneira formal, através de normas em vigor.

4.5. Como o “Miliconheiro” é visto por não usuários: O lerdão, o usuário silencioso, o careta e o explanado

No subcapítulo anterior foi desenvolvido o ponto de vista do Miliconheiro em relação a ele mesmo e seus companheiros de desvio. Neste momento do trabalho, abordaremos a percepção do não Miliconheiro, ou seja, daquele que não consome a maconha no interior no quartel, mas está ciente de que esse comportamento existe. Será realizado um cruzamento teórico entre os exemplos observados no trabalho de campo e os quatro tipos de comportamento desviante elaborados por BECKER. Essa classificação é o cruzamento entre as percepções de terceiros (não usuários) pertencentes ao grupo de militares⁵⁸ e o tipo de comportamento do desviante (p.35).

Conforme observado, o Miliconheiro é um típico desviante (BECKER, 2019). Entende-se por desviante aquele que tem um comportamento que foge das regras de um determinado grupo, porém mais do que ter um comportamento desviante, o indivíduo é encarado, ou seja, acusado como um desviante, julgado por outras pessoas que fazem parte deste grupo. Esse julgamento acontece a partir de um processo de rotulação. Ainda, este indivíduo desviante se entende neste lugar. O militar também considera seus comportamentos inadequados para aquele determinado grupo, entretanto o Miliconheiro não cessa seu hábito.

Considera-se a partir da leitura de BECKER que:

O desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um ‘infrator’, o desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal. (BECKER, 2019, p.24)

Além de cometer um ato considerado crime, pois infringe uma lei formalmente promulgada (BECKER, 2019, p.17), o Miliconheiro também se desvia dos acordos

⁵⁸ Relembro que o dia a dia no quartel é como qualquer empresa, no qual os funcionários se relacionam entre si, trabalham juntos, ajudam um ao outro, tem seus conflitos etc., no universo militar não é diferente, o fato do militar ser um Miliconheiro não o exclui das outras atividades e por vezes o militar que não é maconheiro mantém sua relação com o Miliconheiro

informais traduzidos como valores militares (BECKER, 2019, p.18). É importante salientar que BECKER entende que, para que o indivíduo se caracterize como desviante, é necessário o cruzamento entre a percepção do desviante enquanto desviante e da percepção de terceiros. Ambos fazem parte do mesmo grupo e entendem que existem comportamentos desviantes que “fogem” às regras previamente estabelecidas, sejam regras morais ou regras com poder de lei.

Apenas declarar que existe um tipo de comportamento desviante é negligenciar o estudo de BECKER. Neste subcapítulo refletimos sobre a complexidade que envolve o processo de rotulação dos militares que consomem maconha no interior do quartel, ou aqueles que são rotulados dessa forma, apesar de não serem de fato Miliconheiros.

4.5.1. O Lerdão

O lerdão ou falsamente acusado, segundo BECKER seria “A pessoa é vista pelos outros como se tivesse cometido uma ação impropria, embora de fato não o tenha feito” (BECKER, 2019, p. 34). O processo de rotulação pode não ser infalível, algumas pessoas podem ser rotuladas de desviantes sem terem de fato infringido uma regra, ou seja, o militar pode ser acusado de macoheiro sem sequer ter experimentado a maconha.

Poderíamos encerrar a explicação sobre “o lerdão” no parágrafo anterior; porém, esse tipo de rotulação baseado no comportamento do sujeito revela algo mais implícito que foge do simplismo encontrado na frase escutada no quartel: “*ele é meio lerdão, deve fumar muita maconha*”. Mas o que estaria por trás dessa afirmação? Seria apenas um comentário sobre a característica psicológica do militar, tendo em vista que ele é um sujeito mais calmo, que fala de forma amena, com um sorriso no rosto e, por isso, foge do estereótipo do militar bruto e entra no estereótipo do maconheiro? Ou haveria algo mais, como características físicas e sociais (tipo de roupas, se é praça ou oficial, se o estilo musical preferido é *funk* ou *rap*, se fala muitas gírias, se é negro, se mora na favela, se tem pouco estudo, se é pobre)? E, ainda, por que essas características seriam motivos para rotular o militar. Estas reflexões podem ser encontradas na teoria de sujeição criminal de Michel MISSE.

A sujeição criminal não é apenas um rótulo arbitrário, ou o resultado de uma luta por significações morais disputáveis, mas um processo social que condensa determinadas práticas com seus agentes sob uma classificação social relativamente estável, recorrente e, enquanto tal, legítima. Há estruturação na produção social da sujeição criminal, mas cada evento só é capturado nessa estruturação se “fizer sentido” para muitos indivíduos, inclusive para o próprio acusado. (MISSE,2010, p.24)

Ou seja, por trás destas afirmações “inocentes” há um processo social que acusa um sujeito e o coloca em uma posição subjugada, o que no âmbito militar pode levá-lo a lugares indesejáveis. Primeiramente, podem atribuir ao indivíduo funções que não demandam responsabilidade, por não creditarem confiança nele. Ainda, este militar, por muitas vezes, vai ouvir piadas relacionadas às suas características. Por fim, como critério de desempate para uma possível vaga, ele pode não ser escolhido, por lhe atribuírem características de um maconheiro, ou nas palavras de MISSE, salvas todas as proporções: o Bandido.

O mais conhecido desses tipos é o sujeito que, no Brasil, é rotulado como ‘bandido’, o sujeito criminal que é produzido pela interpelação da polícia, da moralidade pública e das leis penais. Não é qualquer sujeito incriminado, mas um sujeito por assim dizer ‘especial’, aquele cuja morte ou desaparecimento podem ser amplamente desejados. (MISSE,2010, p.17)

No âmbito militar não vão matá-lo, mas vão deixá-lo de lado, atribuir missões de pouca importância e responsabilidade, acusá-lo caso haja alguma suspeita de consumo no interior do quartel, escolher seu armário para revistas rotineiras, fazer a revista diária para entrar no quartel com mais cautela e quando possível vão demiti-lo, isso sem que o sujeito sequer tenha encostado na maconha. Esses transtornos são desagradáveis para aquele que pretende seguir uma carreira militar, ainda que breve.

4.5.2. O Usuário silencioso

O Usuário silencioso, ou nas palavras de BECKER, o desviante secreto, é aquele que tem o comportamento infrator, mas não é percebido como desviante.

Aqui, um ato improprio é cometido, mas ninguém o percebe ou reage a ele como uma violação das regras. Como no caso da falsa acusação, ninguém sabe realmente em que medida o fenômeno existe, mas estou convencido de que a quantidade é bastante grande, muito mais do que pensamos (BECKER, 2019, p. 34)

Devemos fazer algumas pontuações a respeito do usuário silencioso. Partindo do ponto de vista do não Miliconheiro, a explicação é muito simples, esse militar é apenas mais um careta⁵⁹. A maioria dos observados e entrevistados são usuários silenciosos. Podemos problematizá-lo, por que diferente do falsamente acusado ninguém o percebe como maconheiro? Primeiramente, pode-se afirmar que, por ter conhecimento dos efeitos, o usuário silencioso fica atento para não os deixar amostra ou então, tenta mitigá-los. Nesse caso, posso me usar de exemplo, quando estou tendo alguma crise alérgica coço bastante o nariz e fico “fungando”. Por saber que essas ações também são típicas de usuários de cocaína, mesmo não sendo um, eu evito ao máximo fazê-los na frente de outros para não ser falsamente acusado.

O recorte acima ainda é muito superficial. Pode se dizer que o usuário silencioso não é falsamente acusado, pois não entra no perfil do indivíduo que passa por uma sujeição criminal. Trata-se de um militar branco, com condições boas condições financeiras, que mora em local mais privilegiado. Em relação à vestimenta e estilo musical, por muitas vezes é o mesmo do falsamente acusado.

Conclui-se que o usuário silencioso tem, além dos aparatos “técnicos” para esconder o seu consumo, características que são observadas por terceiros como não sendo as de um maconheiro. Para o restante do grupo ele não é um maconheiro.

4.5.3. O Careta

O Careta, ou aquele que tem um comportamento apropriado, “é simplesmente aquele que obedece à regra e que outros percebem como tal” (BECKER, 2019, p. 33), ou seja, ele não é percebido como maconheiro e de fato não é.

⁵⁹ Irei falar sobre o careta *a posteriori*.

Algumas observações devem ser feitas a respeito do Careta. Seria o Careta um possível usuário silencioso? Tendo em vista que o usuário silencioso, nada mais é, na visão de outros não Miliconheiros, um careta. Não é possível quantificar ou afirmar esta hipótese. Outra questão que levantamos é a seguinte: se o militar consome maconha apenas fora do quartel, enquanto no interior do quartel ele não fuma, no ponto de vista de outros caretas, ele seria mais um careta ou, nas definições de BECKER, um desviante secreto?

Outro ponto que se deve observar é que consequentemente esse indivíduo é um impositor de regras (BECKER, 2019, p.162), *X-9*, dedo duro ou um acusador. Todavia, nem todo acusador é um indivíduo totalmente apropriado. Para explicar essa hipótese registrarei um ocorrido no interior do quartel no ano de 2017. Nessa ocasião, em um dia de serviço, o Soldado Marley foi pego fumando maconha. O Cabo Marcelo foi quem o plotou durante o ato. Foi realizado todo o procedimento do flagrante, houve confissão por parte do Soldado e ele recebeu como punição uma prisão. Ao ser solto, foi excluído⁶⁰, a bem da disciplina. Em relação ao Cabo Marcelo, foi homenageado por sua atitude em uma formatura para todo o quartel, colocado como exemplo a ser seguido por seus pares, superiores e subordinados. Anos após esse acontecimento, o Cabo Marcelo foi plotado fumando maconha no interior do quartel. Porém, por estar próximo de renovar seu contrato, não foi punido. Como sanção, foi licenciado um ano antes dos oito que eram possíveis e o caso não teve repercussão.

Com base no que foi observado em campo, este pode ser considerado um exemplo de padrão militar. Em resumo, refere-se àqueles que não consomem maconha dentro do quartel, e podem até ser os responsáveis por rotular e acusar os Miliconheiros, apesar de haver contradições em relação à sua verdadeira conduta.

⁶⁰ A exclusão a bem da disciplina, conforme prevista no Estatuto dos Militares (Lei nº 6.880/1980), é uma sanção disciplinar severa aplicada a militares cujas atitudes sejam consideradas incompatíveis com os princípios e valores das Forças Armadas. Regulamentada por normas específicas, essa sanção resulta na ruptura definitiva do vínculo entre o militar e a Administração Militar, sendo aplicada em casos em que a conduta do indivíduo compromete gravemente a hierarquia, a ordem e a disciplina da instituição. O processo de exclusão é administrativo e ocorre quando o comportamento do militar é tão grave que sua permanência na corporação se torna insustentável. As Forças Armadas estabelecem, por meio de seus Regulamentos Disciplinares, as infrações que podem levar à exclusão e garantem ao militar o direito de defesa durante o processo. Essa punição extrema é adotada em situações de transgressões graves, como crimes, deserções ou atitudes que envolvem desrespeito direto aos valores da instituição, buscando preservar a coesão e a integridade das Forças Armadas.

4.5.4. O Explanado

O desviante puro ou explanado é o militar com comportamento infrator, claramente identificado como desviante, ou seja, é o "Miliconheiro" nato. Sua condição é amplamente conhecida pelos membros do grupo, ou, pelo menos, por alguns deles. Essa identificação ocorre quando o indivíduo é flagrado consumindo maconha ou quando ele mesmo faz uma confissão. Frequentemente, o rótulo de "Miliconheiro" já é atribuído a ele antes da confissão ou da descoberta do ato.

Do ponto de vista dos "não Miliconheiros", existem dois tipos de explanados: o que será criticado e sofrerá sanções devido ao seu desvio; e o que não será criticado, e terá seu comportamento tratado de forma mais leniente. O desvio deste último pode não ser visto como uma violação das regras, o que pode torná-lo mais tolerável aos demais.

Observa-se no campo que, em geral, o explanado que sofre sanções é um militar novato (recruta). Por não ter estabelecido vínculos de proteção e confiança com os militares mais experientes, ele é punido, e o processo descrito no tópico sobre o "falsamente acusado" ocorre. Por outro lado, o explanado que não enfrenta punições é o militar mais experiente, cujo bom desempenho já foi comprovado. Nesse caso, o ato de consumir maconha não afeta suas funções, e a confiança que já havia sido estabelecida entre ele e os outros militares permanece intacta, mesmo após a descoberta de seu desvio.

É importante destacar que isso não é uma regra absoluta, mas uma situação frequentemente observada. Contudo, o militar experiente que foi flagrado e não punido precisa ter cuidado, pois não pode cometer falhas, erros ou descuidos, sob pena de sofrer represálias. Nesse caso, o motivo para a repreensão será frequentemente associado ao consumo de maconha, colocando o militar em uma posição delicada, entre ser considerado um integrante exemplar ou rotulado como "vagabundo". Em alguns casos, ocorreu por parte dos não Miliconheiros certo distanciamento dos Miliconheiros. Em outros, mudança de função (uma troca para uma tarefa com menos responsabilidade), já que foi gerada desconfiança entre as partes.

5. Considerações finais

A presente pesquisa buscou compreender as dinâmicas sociais e as práticas de consumo de maconha entre militares no interior de um quartel do Exército Brasileiro,

focando na categoria dos "Miliconheiros". Ao longo do estudo, ficou evidente que, para muitos desses militares, o consumo de maconha não é percebido como um fator que prejudique suas funções ou sua vida cotidiana. Essa percepção, no entanto, está diretamente ligada à sua experiência. A partir daí, cria-se moderação no uso, elemento que ajuda a minimizar os impactos negativos que poderiam surgir de um consumo descontrolado no interior do quartel.

A abordagem punitivista predominante no ambiente militar em relação ao consumo de maconha contrasta fortemente com a ausência de políticas ou discussões voltadas para a redução de danos. Diferentemente das campanhas preventivas relacionadas ao consumo de álcool, prevenção de suicídio, DSTs e sobre direção segura, não há um esforço similar para educar os militares sobre os riscos específicos do consumo de maconha, especialmente do "prensado", que é conhecido por sua qualidade inferior e potencial para causar danos à saúde. A falta de diálogo sobre o consumo seguro da maconha perpetua a marginalização dos consumidores e impede a implementação de medidas que poderiam diminuir os riscos associados ao consumo.

Outro aspecto que se destacou na pesquisa é a desigualdade na aplicação de punições dentro do ambiente militar. A severidade das sanções parece variar de acordo com o histórico do indivíduo, o que leva a um tratamento mais compreensivo para alguns e rígido para outros. Por vezes, mesmo quando o militar não é punido formalmente, ele passa a ser observado de maneira mais rígida, e não lhe é mais permitido errar. Ainda, é possível observar que o Código Militar, por sua vez, acaba sendo severo com o jovem usuário e tolerante com possíveis militares que estão traficando ou desviando drogas no interior do quartel.

No âmbito civil, as discussões sobre a descriminalização e a regulamentação do uso da maconha têm avançado, ainda que de forma lenta e fragmentada. Em contraste, o ambiente militar permanece rígido e resistente a mudanças, ancorado em uma legislação que não dialoga com as recentes evoluções legais e sociais. A possibilidade de um militar obter um *habeas corpus* para o consumo terapêutico de maconha ou caso o uso recreativo da maconha venha a ser legalizado, levantam questões sobre como as Forças Armadas lidariam com a compatibilidade entre a legislação militar e civil. A ausência de

precedentes claros para esses casos ressalta a necessidade urgente de uma revisão legal e de um alinhamento com as práticas civis emergentes.

Diante dessas questões, conclui-se que o consumo de maconha entre militares não pode ser compreendido apenas sob a ótica punitivista e moralista. É necessário um diálogo aberto que considere as realidades vivenciadas por esses indivíduos, promovendo uma abordagem mais informativa, tendo em vista que alguns conhecem a maconha no interior do quartel. A incorporação de políticas de redução de danos e a revisão das leis militares são passos fundamentais para o desenvolvimento de um Exército mais preocupado com seus militares, principalmente os jovens praças do SMO, que serão “devolvidos” à sociedade civil em breve. Ainda que seja um longo e difícil caminho a ser percorrido.

O presente estudo espera contribuir para a abertura de um diálogo mais inclusivo e fundamentado acerca da desmarginalização da maconha, que reconheça as complexidades e as particularidades do consumo de maconha no contexto militar, ajudando a construir uma compreensão mais abrangente e menos estigmatizante sobre o tema.

6. Referências bibliográficas

BECKER, Howard S. 2019. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

BITENCOURT, Nidival Frota et al. Drogas nas Forças Armadas, perfil do usuário e persecução criminal: a questão da inconvencionalidade do artigo 290 do Código Penal Militar. *Revista da Defensoria Pública da União*, n. 10, p. 342-368, 2017.

BRASIL. 2º Relatório Brasileiro sobre Drogas. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2021.

BRASIL. Código Penal Militar. Decreto-Lei nº 1.001, de 21 de outubro de 1969. Artigo 290.

CARUSO, Haydée Glória Cruz. Das práticas e dos seus saberes: a construção do Fazer Policial entre as Praças da PMERJ. 2004.

CAXIAS, Denise D., & VASCONCELOS, Maisa. Paisagens da memória jurujubana: a Festa de São Pedro. *Geograficidade*, Rio de Janeiro. 2020.

CRUZ, Fernanda N.; COSTA, Perla A. É tudo ganso? A (in)distinção entre usuários e traficantes de drogas e seus limites na perspectiva dos policiais militares do Rio de Janeiro. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 243-261. 2021.

MATTA, Roberto da. O ofício de etnólogo, ou como ter Anthropological blues. Boletim do Museu Nacional: Antropologia, n. 27, mai., 1978. p.1-12.

GRILLO, Carolina C. Fazendo um doze na pista: um estudo de caso do mercado ilegal de drogas na classe média. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro, 2008.

GRILLO, Carolina C.; POLICARPO, Frederico; VERÍSSIMO, Marcos. “A ‘dura’ e o ‘desenrolo’: efeitos práticos da nova lei de drogas no Rio de Janeiro”. *Revista de Sociologia e Política* (UFPR), v.19. 2011.

GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos [Asylums]. São Paulo, Perspectiva, 1974.

GORRILHAS, Luciano M. A incidência do uso de drogas ilícitas nos quartéis das forças armadas. *Justitia*, v. 77, n. 202, 2016.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MISSE, Michel. Sujeição criminal. Crime, polícia e justiça no Brasil. São Paulo: Contexto, v. 1, p. 204-211, 2014.

MUNIZ, Jacqueline. “Ser policial é, sobretudo, uma razão de ser”: Cultura e Cotidiano da Polícia Militar no Estado do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

RITTER, Paula D. Da roça ao mar: estudo de uma comunidade de marisqueiros em Jurujuba, Niterói, RJ. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SINES, Guilherme Pires. Da Pátria a Guarda: A formação do Soldado no Exército Brasileiro e as perpetuações no civil que nele habita. Monografia defendida em 2018.

VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. In: Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

VERÍSSIMO, Marcos. Do Maconheiro ao Canabier: os autocultivos domésticos e outras domesticações. In: MACRAE, Edward, Wagner Coutinho. Fumo de Angola: Canabis, racismo, resistência cultural e espiritualidade. Salvador: EDUFBA, 2016.

VERÍSSIMO, Marcos. Maconheiros, fumons e growers: um estudo comparativo do consumo e do cultivo caseiro de canábis no Rio de Janeiro e em Buenos Aires. Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós-graduação em Antropologia, Niterói, 2017.